

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CRISTIAN DE SILVEIRA

**A ARTE DAS ROTAS DA SEDA: SINCRETISMOS CULTURAIS A PARTIR DE
INFLUÊNCIAS HELENÍSTICAS E ROMANAS**

Porto Alegre,

2022

CRISTIAN DE SILVEIRA

**A ARTE NAS ROTAS DA SEDA: SINCRETISMOS CULTURAIS A PARTIR DE
INFLUÊNCIAS HELENÍSTICAS E ROMANAS**

**Trabalho de conclusão do curso de
graduação para a obtenção do título
do grau de Licenciado em História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco
Marshall**

Porto Alegre,

2022

CIP - Catalogação na Publicação

de Silveira, Cristian
A ARTE NAS ROTAS DA SEDA: SINCRETISMOS CULTURAIS A
PARTIR DE INFLUÊNCIAS HELENÍSTICAS E ROMANAS /
Cristian de Silveira. -- 2022.
77 f.
Orientador: Francisco Marshall.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Rotas da Seda. 2. Iconologia . 3. Contatos
Culturais. 4. História da Ásia Central. I. Marshall,
Francisco, orient. II. Título.

CRISTIAN DE SILVEIRA

**A ARTE NAS ROTAS DA SEDA: SINCRETISMOS CULTURAIS A PARTIR DE
INFLUÊNCIAS HELENÍSTICAS E ROMANAS**

**Trabalho de conclusão do curso de
graduação para a obtenção do título
do grau de Licenciado em História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco
Marshall**

Aprovado em: Porto Alegre, 12 de maio de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Katia Maria Paim Pozzer

Prof. Dr. José Rivair Macedo

RESUMO

Este trabalho visa tratar sobre os contatos culturais ao longo das chamadas de “Rotas da Seda”, a partir da análise de artefatos com supostas influências helenísticas e romanas em suas representações. Considerando a necessidade de contextualizar historicamente os objetos sob análise, num primeiro momento será explorada a construção do conceito de Rotas da Seda, e subsequentemente a formação das redes de contatos transcontinentais centralizadas na região da Ásia Central na Antiguidade, e dos desenvolvimentos políticos e culturais que forneceram as bases para que essas influências helenísticas e romanas fossem potencializadas nas produções artísticas ao longo da Ásia Central, e das rotas que a conectavam. Num segundo momento, serão introduzidas algumas perspectivas sobre questões como contatos culturais e identidade étnica grega dentro da Ásia Central, e também sobre a metodologia usada para a análise dos artefatos selecionados. Por último, será realizada a interpretação iconológica dos artefatos, buscando com isso se aprofundar nas manifestações dessas influências helenísticas e romanas, e os significados que elas carregam dentro de seu contexto cultural.

Palavras-chave: Rotas da Seda; Iconologia; Contatos Culturais; Artefatos; Influências Helenísticas.

ABSTRACT

This work aims to deal with cultural contacts along the so-called “Silk Roads”, from the analysis of artifacts with supposed Hellenistic and Roman influences in their representations. Considering the need to historically contextualize the objects under analysis, at first the conceptualization of the Silk Roads will be explored, and subsequently the formation of networks of transcontinental contacts centered on the Central Asian region in Antiquity, and the political and cultural developments that provided the basis for these Hellenistic and Roman influences to be potentiated in artistic productions throughout Central Asia, and the routes that connected it. In a second moment, some perspectives will be introduced on issues such as cultural contacts and Greek ethnic identity within Central Asia, as well as on the methodology used to analyze the selected artifacts. Finally, the iconological interpretation of the artifacts will be carried out, seeking to delve into the manifestations of these Hellenistic and Roman influences, and the meanings they carry within their cultural context.

Keywords: Silk Roads; Iconology; Cultural Contacts; Artifacts; Hellenistic Influences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL	9
1.1: O CONCEITO DAS ROTAS DA SEDA	9
1.2: PRECURSORES DAS ROTAS DA SEDA E POVOS NÔMADES NA ÁSIA CENTRAL	10
1.3: A ÁSIA CENTRAL DURANTE O IMPÉRIO AQUEMÊNIDA E O IMPÉRIO MACEDÔNICO DE ALEXANDRE, O GRANDE	13
1.4: O IMPÉRIO SELÊUCIDA E A ASCENSÃO DO IMPÉRIO PARTA E DO REINO GRECO-BÁCTRIO	17
1.5: O IMPÉRIO XIONGNU, OS DESLOCAMENTOS NÔMADES À ÁSIA CENTRAL E AS ORIGENS DO IMPÉRIO KUSHAN	23
1.6: A CHINA IMPERIAL, O IMPÉRIO XIONGNU E A ABERTURA DAS ROTAS DA SEDA	30
CAPÍTULO 2: CONTATOS CULTURAIS, IDENTIDADE ÉTNICA E A ARTE NAS ROTAS DA SEDA	35
2.1: INFLUÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E A IDENTIDADE ÉTNICA GREGA NA ÁSIA CENTRAL	35
2.2: A ARTE NAS ROTAS DA SEDA	41
CAPÍTULO 3: ARTEFATOS E INTERPRETAÇÕES ICONOLÓGICAS	44
3.1 O HOMEM DE YINGPAN	44
3.1.1 Descrição pré-iconográfica:	45
3.1.2 Análise iconográfica:	46
3.1.3 Interpretação iconológica:	47
3.2 A TAPEÇARIA DE SAMPUL	54
3.2.1 Descrição pré-iconográfica:	55
3.2.2 Análise iconográfica:	55
3.2.3 Interpretação iconológica:	56
3.3 TÊXTIL DA FIGURA DIVINA	61
3.3.1 Descrição pré-iconográfica:	62
3.3.2 Análise iconográfica:	62
3.3.3 Interpretação iconológica:	63
3.4 TAÇA COM FIGURAS E VIDEIRAS	65
3.4.1 Descrição pré-iconológica:	66
3.4.2 Análise iconográfica:	66
3.4.3 Interpretação iconológica:	66
3.5 TAPEÇARIA DE HERMES COM CADUCEU	68
3.5.1 Descrição pré-iconográfica:	68
3.5.2 Análise iconográfica:	68
3.5.3 Interpretação iconológica:	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71

CRONOLOGIA	73
CRONOLOGIA DOS ARTEFATOS	73
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

A região da Ásia Central foi, desde a Antiguidade, habitada por uma pluralidade de sociedades, e também de uma diversidade de organizações sociais vistas dentro dessas sociedades, como povos sedentários, nômádicos e semi-nômádicos. Esses povos foram vistos pelas civilizações grega, romana e chinesa como grupos que representavam a barbárie dos “não-civilizados”, percepção que ainda permanece no imaginário coletivo de sociedades a quem foram legadas tais visões (YANG, 2020, p. ix-x).

O protagonismo das sociedades da Ásia Central no desenvolvimento de redes comerciais e na difusão de informações entre a sua própria região, e indo além para as regiões fronteiriças, que beiravam as grandes civilizações de sua época, no Ocidente e no Oriente, começou a ser abordado muito recentemente (BECKWITH, 2009, p. xx-xxi). Dentro do contexto da abertura “formal” das chamadas Rotas da Seda, que ocorreu após as expedições do diplomata chinês Zhang Qian no fim do segundo século A.E.C. às regiões da Ásia Central, se desenvolveram redes comerciais que ligavam as grandes civilizações de sua época, como o Império Han, na região do Extremo Oriente, o Império Parta, na região da Ásia Central, o Império Kushan, também na Ásia Central e subcontinente indiano, e o Império Romano, na região mediterrânea, tornando essas Rotas da Seda um palco para essas transmissões culturais entre essas civilizações as quais ela conectava, em conjunto com as populações locais do território asiático que centralizavam essas redes de comércio (GOODY, 1996). Uma das formas em que esses contatos se manifestam é através da arte presente nessa região, que apresenta uma diversidade artística considerável, com influências que refletem culturas gregas, romanas, persas, indianas e chinesas, além das culturas locais das regiões onde tais artefatos se encontravam (BOARDMAN, 2015; GOODY, 1996). Assim sendo, esse trabalho visa explorar como aspectos da arte helenística e romana podem ser evidenciados através de artefatos encontrados em alguns pontos específicos das Rotas da Seda, explorando o contexto histórico pelo qual essas influências poderiam estar presentes ou serem transmitidas ao longo dessas rotas, como os aspectos culturais helenísticos e romanos eram incluídos e abordados nessas diferentes sociedades, e qual a visão e importância que as sociedades locais possuíam sobre os aspectos culturais helenísticos e romanos que faziam parte dessa realidade plural da Ásia Central.

Apesar da descoberta ocasional de artefatos com supostas influências helenísticas e romanas ao longo de centros históricos das Rotas da Seda na Ásia Central ter sido empenhada por exploradores europeus desde o fim do século XIX – como o explorador Aurel Stein (1862-1943), que catalogou diversos desses objetos em seus livros – o estudo sobre possíveis

influências culturais a partir não só da análise desses artefatos, mas também do significado das imagens que eles carregam e procuram transmitir como um todo ainda é, principalmente na língua portuguesa, limitada. Essa constatação se mostra ainda mais pertinente quando a discussão se volta para uma produção que busca dismantelar a visão colonial e ocidental da historiografia tradicional, que atribui protagonismo às antigas civilizações europeias e suas práticas expansionistas, num meio cultural, político e econômico, aos territórios de populações invisibilizadas por essa mesma visão, como os povos ao longo do território da Ásia Central. A partir da perspectiva de que esses povos detinham uma importância imensurável no desenvolvimento comercial e cultural de suas respectivas regiões e dos sistemas comerciais que ali se desenvolviam, e que mantinham também uma relação com as civilizações que as cercavam que era muito mais complexa do que simples imposições culturais dessas civilizações sobre esses povos locais, podemos explorar essas influências e contatos culturais através desses artefatos de forma que eles expressem essa multiplicidade de agentes que desempenharam a sua concepção.

Seguindo esses argumentos, nos focamos para a produção de uma pesquisa que contribua para essa temática de forma que possibilite a construção histórica que quebre os moldes eurocentristas, e que possa demonstrar, tanto para o meio acadêmico quanto para o público em geral, uma realidade complexa e multicultural desses sistemas comerciais que estavam centralizados na região da Ásia Central, usando a arte como uma forma de evidenciar e reforçar as percepções expostas na pesquisa. Enquanto o uso da arte para os estudos sobre as Rotas da Seda não é algo novo, a contribuição pretendida pela presente pesquisa se diferencia em sua combinação entre o uso das artes em diálogo constante com o contexto histórico a que elas estão submetidas, e o significado que essas artes carregam, procurando assim explorar mais propriamente os contatos e influências culturais aos quais tanto a arte quanto seu ambiente de produção estavam ligados. Dessa forma, as problemáticas da pesquisa são:

- Quais as formas nas quais essas possíveis influências helenísticas e romanas se apresentam dentro desses artefatos?

- Como as heranças culturais helenísticas se manifestavam dentro do contexto multicultural dos povos ao longo da Ásia Central, e de que forma essas heranças se vinculavam com questões de identidade grega, e com os diálogos culturais posteriores com o Império Romano que os povos e civilizações da Ásia Central tiveram após a abertura das Rotas da Seda?

- Como essas influências culturais helenísticas e romanas na arte das Rotas da Seda eram observadas pelos povos que participavam dessas rotas centralizadas na Ásia Central, e

quais os diferentes contextos culturais e religiosos dos povos que participavam dessas rotas em que essas artes poderiam ser ressignificadas?

No primeiro capítulo do trabalho, abordaremos primeiro a construção historiográfica por trás das Rotas da Seda, em como esse conceito foi criado e desenvolvido com o passar do tempo, e quais são algumas das limitações existentes dentro de suas definições. Logo depois, o capítulo abordará a contextualização histórica da região da Ásia Central e do desenvolvimento dos sistemas de contatos e comércio que se formaram a partir dessa região, abordando desde a formação das sociedades baseadas no nomadismo pastoril em montarias equestres, o Império Aquemênida, as conquistas de Alexandre, o Grande, os reinos helenísticos sucessores ao império de Alexandre na Ásia Central, a formação do Império Kushan, até a abertura “formal” das Rotas da Seda, decorrente dos conflitos entre o Império Chinês e o Império Xiongnu. Essa contextualização se faz necessária no quesito de fornecer ao leitor as bases fundamentais para a compreensão mais aprofundada dos objetos e questões abordadas ao longo da pesquisa.

O segundo capítulo visa explorar alguns conceitos teóricos, essenciais para o desenvolvimento do trabalho, como contatos culturais, identidade étnica grega, e os métodos de análise da arte, de forma a elaborar um pouco mais a realidade dos contextos históricos explorados ao longo do primeiro capítulo, e algumas das questões pertinentes a esses contextos, além de situar as abordagens que serão utilizadas no terceiro capítulo para o uso dos artefatos dentro dessa pesquisa.

No terceiro e último capítulo será realizada a análise dos artefatos segundo a metodologia de Erwin Panofsky (1892-1968), que estruturou metodicamente suas abordagens sobre a análise de arte. Serão seguidas, dessa forma, as três etapas de análise elaboradas pelo autor, sendo elas a descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica, para procurar estabelecer um vínculo entre os possíveis significados que os artefatos carregam, principalmente dentro dos contextos históricos e culturais aos quais eles se mostravam inseridos. Foram selecionados cerca de cinco artefatos, que variam entre tapeçarias, tecidos, taças e vestimentas. Quatro desses artefatos compartilham entre si, além de possíveis influências helenísticas e romanas, também a sua região de descoberta, sendo essa a província de Xinjiang, na China, que é uma localização de grandes descobertas arqueológicas com um nível de conservação bem alto, devido ao clima árido da região. O artefato remanescente foi descoberto na província de Shanxi, no leste da China. O recorte temporal da produção desses artefatos, porém, tem uma dimensão bem ampla, com alguns desses itens variando desde o terceiro século A.E.C., até cerca do quinto século E.C..

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL

1.1: O CONCEITO DAS ROTAS DA SEDA

A conceitualização historiográfica dos sistemas comerciais chamados de “Rota da Seda” ou “Rotas da Seda” englobam discussões sobre como perspectivas historiográficas podem acabar determinando a visão que é construída sobre um recorte do passado, independentemente se essas perspectivas conseguem abordar a complexidade do objeto que tentam analisar ou se o limitam a uma perspectiva que pode não conseguir se aprofundar além das considerações estipuladas originalmente sobre o mesmo.

A denominação da “Rota da Seda” ou “Rotas da Seda” foi uma construção historiográfica do século XIX, criada pelo geógrafo e explorador alemão Ferdinand von Richthofen em 1877. Segundo Alfred Andrea, o uso de tais nomenclaturas foi, num primeiro momento, usado muito limitadamente por Richthofen, referindo-se, no caso da “Rota da Seda”, a uma suposta rota específica citada durante o primeiro século E.C., que iria desde o Império Romano até a “Terra da Seda”; e, no caso das “Rotas da Seda”, Richthofen se referia às múltiplas rotas comerciais entre o Império Romano com a Império Han, onde supostamente o comércio de seda teria se desenvolvido entre o primeiro século A.E.C. até a metade do segundo século E.C.. Na visão de Richthofen, então, a seda se apresentaria como o principal item comercial ao longo do período de existência dessas rotas transcontinentais. Os dois termos passaram a ganhar mais reconhecimento após o seu uso por figuras como Sven Hedin e Albert Herrmann, que popularizaram tais termos ao público mais culto, com seus trabalhos e expedições arqueológicas ao longo da Ásia Central (ANDREA, 2014, p. 107-108).

Alfred Andrea também salienta que atualmente ainda existe uma discussão sobre qual termo carrega mais credibilidade: “Rota da Seda” ou “Rotas da Seda”. Segundo ele, o uso do termo singular acaba por fornecer uma visão errada da realidade das rotas que existiam, e na mesma medida, o termo plural se alinha mais com a pluralidade desses contatos comerciais. O autor tenta assim ressaltar como denominações históricas podem acabar por reforçar conceitos já ultrapassados, ampliando essa crítica também para a própria denominação da “seda”, como outro termo que pode acabar por limitar o entendimento dessas rotas comerciais segundo os consensos historiográficos atuais, que demonstram como a seda era um entre muitos objetos comercializados entre as “Rotas da Seda”, e que o objeto de estudo mais significativo transportado ao longo dessas rotas é, sem dúvida, a cultura das populações que engajavam-se comercialmente ao longo dessas rotas (ANDREA, 2014, p. 106-107).

Nessa mesma linha de pensamento, autores como Valerie Hansen argumentam que a percepção mais “comum” sobre as “Rotas da Seda” também acaba sendo discordante com a

realidade documental e arqueológica existente, com a sua posição de que a denominação de “rotas” acaba por manter a visão de caminhos ou estradas fixas que ligavam os pontos de comércio ao longo dessas “rotas”, quando, segundo a sua perspectiva, as ligações entre os pontos das “Rotas da Seda” eram mais informais, com rotas não fixas que poderiam variar muito, com o único ponto de encontro sendo os próprios centros comerciais. Hansen também reforça a visão de que essas rotas foram de uma capacidade muito menor do que se declarava anteriormente, mesmo que a sua importância como uma forma de conexão entre essas inúmeras culturas ainda seja significativa na visão da autora (HANSEN, 2012, p. 3-5).

Dessa forma, podemos ressaltar em como o conceito de “Rotas da Seda” reflete essa realidade de rotas comerciais que não necessariamente se baseia exclusivamente no comércio de sedas, ou também em uma rede comercial que só representa o comércio entre o “Ocidente” com o “Oriente”, através das civilizações citadas, do Império Romano e o Império Han da China. As “Rotas da Seda” podem ser vistas tanto como as redes de comércio centralizadas na região da Ásia Central, quanto como um veículo que possibilitou contatos culturais em moldes transcontinentais, que se desenvolveu organicamente a partir da realidade da Ásia Central, e a sua diversidade de povos e organizações sociais.

1.2: PRECURSORES DAS ROTAS DA SEDA E POVOS NÔMADES NA ÁSIA CENTRAL

Segundo Stephan Barisitz (2017), as rotas comerciais chamadas de Rotas da Seda, centralizadas ao longo do território da Ásia central, e que se expandiram ao longo do território euroasiático, dessa forma unindo as civilizações denominadas de “Ocidentais” e “Orientais”, tiveram precursores dentro do território da Ásia Central que forneceram as bases para o desenvolvimento das Rotas da Seda. Um desenvolvimento inicial de redes de trocas comerciais e culturais dentro da Ásia Central pode ser evidenciada desde a Era do Bronze, a partir das culturas localizadas nos territórios das estepes. Barisitz aponta o início do desenvolvimento dessas redes por volta do período de 1500 A.E.C., que foram alavancadas, segundo ele, por dois processos principais, e o consequente vínculo criado entre os dois. O primeiro processo foi o desenvolvimento de redes de comércio mais “tradicionais”, que conectavam, ao longo de curtas distâncias, os oásis localizados na região sul da Ásia Central, vinculando os oásis tanto uns com os outros quanto com as regiões próximas do Irã e da Mesopotâmia. O segundo processo foi o desenvolvimento de formas de transporte e de comunicação à longa distância empregadas ao longo da estepe Euroasiática, e também a sua extensão para além dos limites da estepe, atravessando as zonas desérticas que dividiam a

Ásia Central até as zonas de organização sedentária nos oásis ao sul e regiões próximas como o Irã (BARISITZ, 2017, p. 21-22).

Diferentes grupos, como os povos pertencentes à chamada “Cultura de Andronovo”, e posteriormente os Citas, estruturados em confederações tribais, tiveram um papel no desenvolvimento desses comércios e contatos à longa distância, baseando-se nas suas relações com os grupos e sociedades sedentárias na região sul, que poderiam variar tanto em relações meramente comerciais quanto nas baseadas na tributação desses grupos sedentários por parte dessas culturas das estepes, com organizações sociais que poderiam variar entre sedentarismo, semi-nomadismo e nomadismo (BARISITZ, 2017, p. 22).

O período por volta do terceiro milênio A.E.C. foi onde se iniciaram as primeiras organizações sociais nomádicas nas estepes segundo as evidências mais antigas, provavelmente como uma adaptação à realidade dessas estepes como um tipo de região incompatível com a formação de culturas que dependessem de uma grande produção agrícola. Porém, o estilo de vida baseado no *nomadismo pastoril em montarias equestres* foi adotado pelos povos iranianos na região das estepes da Ásia Central no início do primeiro milênio A.E.C. Beckwith salienta que essa última periodização não marca as primeiras evidências de humanos usando cavalos como montaria como um todo, porém ele reflete que os iranianos da estepe protagonizaram o uso da atividade de montaria equestre como uma atividade comum dentro de suas respectivas sociedades, atividade anteriormente reservada aos párias da sociedade, como “aventureiros e acrobatas”. Dessa mesma forma, os iranianos da Ásia Central foram os primeiros povos a dispor exclusivamente, no meio bélico, de arqueiros montados, e de manterem uma superioridade duradoura nesse meio quando comparados a outros grupos (BECKWITH, 2009, p. 60-61). Dentre esses grupos iranianos, Beckwith ressalta os povos citas.

Os citas eram um povo Iraniano do Norte (ou “Oriental”). De acordo com Heródoto (nascido em 484 a.C.), que visitou a cidade de Olbia (localizada na foz do Rio Bug) e outros locais na Cítia, eles se auto-denominavam de *Scoloti*. Eram chamados de *Sakas*¹ pelos persas e, em assírio, *Iškuzai* ou *Aškuzai*. Todos esses nomes representavam o mesmo nome subjacente a forma grega *Scytha-*, ou seja, do norte iraniano *Skuða, “arqueiro”. É o nome de todos os povos iranianos do norte vivendo

¹ Seguindo as perspectivas tomadas por Beckwith e Barisitz, esse trabalho denomina como *Sakas* os povos iranianos que habitavam os limites orientais das Estepes Centrais e principalmente as regiões ao longo das Estepes Orientais e a região da bacia do Tarim, na China, mesmo que Saka seja um termo usado pelos persas para denominar todos os povos iranianos do norte (BECKWITH, 2009, p. 68; BARISITZ, 2017, p.16).

entre os Gregos no Oeste e os Chineses no Leste.² (BECKWITH, 2009, p. 61, tradução nossa)

Beckwith ressalta o constante envolvimento dos povos citas, a partir do oitavo ou sétimo século, ao longo da região do antigo Oriente Próximo, e subsequentemente com as civilizações presentes nessa região, como os assírios, medas e urartianos. Esse contato com esses diferentes povos, e suas diferentes formas de organização social e de desenvolvimento bélico, proveram aos citas com as ferramentas para o estabelecimento de seu próprio império ao longo das Estepes Ocidentais (BECKWITH, 2009, p. 62-63).

Os citas também foram responsáveis por um desenvolvimento das redes comerciais de longa distância já existentes a partir de seus territórios nas estepes. Essas redes comerciais e o seu uso pelos povos citas são evidenciados através das produções artísticas vindas dessa cultura, onde peças produzidas em ouro, sob o estilo artístico único dos povos citas, chamado normalmente de “estilo animalístico cita”, são encontradas até mesmo em regiões extremamente distantes dos pontos de origem da mineração do ouro usado. Essas grandes distâncias entre as regiões de origem dos materiais de produção dessas peças artísticas, e a região onde essas peças foram encontradas, atestam para uma rede ou rota existente que possibilitasse a transferência desses materiais ao longo de distâncias continentais, e dessa forma, representasse uma parte dessas comunicações e trocas de longa distância na Antiguidade (BECKWITH, 2009, p. 63-64).

Apesar dos Citas serem mais conhecidos como guerreiros ferozes, a sua maior conquista foi o desenvolvimento de um sistema comercial, descrito por Heródoto e outros escritores gregos antigos, que ligava a Grécia, Pérsia, e as terras ao leste e tornava os Citas imensamente ricos. [...] Um comércio internacional terrestre movimentado desenvolveu-se na Eurásia Central como resultado direto dos interesses comerciais dos Citas, Sogdianos, Hsiung-nu e outros povos euroasiáticos centrais antigos. Estes interesses são explicitamente mencionados nas fontes gregas e chinesas antigas. Embora algum comércio de longa distância tenha existido por milênios, este só se tornou uma força econômica significativa sob os Citas e outros Iranianos das estepes e seus sucessores. Por causa que os euroasiáticos centrais negociavam com povos em suas fronteiras, quem quer que fossem, eles negociavam com as civilizações da Europa, Oriente Próximo, Ásia Meridional e Ásia Oriental e indiretamente conectavam as culturas periféricas entre si através da Eurásia Central. Durante o auge da potência Cita, as culturas periféricas das cidade-estado da Alta Antiguidade também alcançaram seu apogeu. [...] O império e a rede comercial dos Citas na Estepe Ocidental constituíram um modelo para estados subsequentes e cada vez mais poderosos baseados na Eurásia Central. O crescimento da riqueza e do poder dos Euroasiáticos Centrais, e seu crescente contato com culturas periféricas, levaram a invasões por esses estados periféricos - geralmente justificadas por alegações de que os Euroasiáticos Centrais os haviam invadido primeiro. [...] Os chineses invadiram repetidamente a Estepe Oriental a cada oportunidade dali em

² Original em inglês: The Scythians were a Northern (or “East”) Iranian people. According to Herodotus (born 484 bc), who actually visited the city of Olbia (located at the mouth of the Bug River) and other places in Scythia, they called themselves Scoloti. They were called Saka by the Persians and, in Assyrian, Iškuzaï or Aškuzai. All of these names represent the same underlying name as the Greek form Scytha-, namely Northern Iranian *Skuða ‘archer’. It is the name of all of the Northern Iranian peoples living between the Greeks in the West and the Chinese in the East.

diante até os tempos modernos. Os Persas Aquemênidas sob Dario conquistaram Bactria e Sogdiana e, em seguida, invadiram a Cítia por volta de 514-512 a.C. Os macedônios e gregos sob Alexandre invadiram a Ásia Central no final do quarto século a.C. Essas duas últimas conquistas tiveram repercussões muito fortes para as culturas da Ásia Central.³ (BECKWITH, 2009, p. 58-60, tradução nossa)

1.3: A ÁSIA CENTRAL DURANTE O IMPÉRIO AQUEMÊNIDA E O IMPÉRIO MACEDÔNICO DE ALEXANDRE, O GRANDE

Nos séculos que antecederam as conquistas de Alexandre, O Grande, a região da Ásia Central e os povos ali presentes foram parcialmente controlados e/ou influenciados pelo Império Aquemênida. A expansão do Império nessa região a partir do sexto século A.E.C. incorporou regiões do sul e do oeste da Ásia Central, como Partia, Margiana, Sogdiana, Bactria, a bacia de Ferghana, Punjab e as terras até o Rio Indo. A administração interna dessas regiões era dada aos líderes locais, sob o controle do rei persa (BECKWITH, 2009, p. 68; BARISITZ, 2017, p. 23).

³ Original em inglês: While the Scythians are best known as fierce warriors, their greatest accomplishment was the development of a trade system, described by Herodotus and other early Greek writers, that linked Greece, Persia, and the lands to the east and made the Scythians immensely wealthy. [...] A bustling land-based international commerce developed in Central Eurasia as a direct result of the trade interests of the Scythians, Sogdians, Hsiung-nu, and other early Central Eurasians. These interests are explicitly mentioned in the early Greek and Chinese sources. Although some long-distance trade had existed for millennia, it only became a significant economic force under the Scythians and other steppe Iranians and their successors. Because the Central Eurasians traded with people on their borders whoever they were, they traded with the civilizations of Europe, the Near East, South Asia and East Asia and indirectly connected the peripheral cultures to each other through Central Eurasia. During the heyday of Scythian power, the peripheral city-state cultures of High Antiquity also reached their apogee. [...] The Scythians' empire and trade network in the Western Steppe constituted a template for subsequent, increasingly powerful states based in Central Eurasia. The growth in wealth and power of Central Eurasians, and their increasing contact with peripheral cultures, led to invasions by peripheral states—usually justified by claims that the Central Eurasians had invaded them first. [...] The Chinese repeatedly invaded the Eastern Steppe at every opportunity from then on down to modern times. The Achaemenid Persians under Darius conquered Bactria and Sogdiana and then invaded Scythia in circa 514–512 BC. The Macedonians and Greeks under Alexander invaded Central Asia in the late fourth century BC. The latter two conquests had very strong repercussions for the cultures of Central Asia.



Figura 1: Mapa das divisões aproximadas das satrapias dentro do Império Aquemênida, centralizado na Ásia Central, por volta de 490 A.E.C.. Fonte: Ian Mladjov. (Disponível em: <<https://sites.google.com/a/umich.edu/imladjov/maps?authuser=0>>. Acessado em: 16/03/2022)

Com essas novas regiões sob seu domínio, o Império Aquemênida passou a entrar em contatos mais regulares com os grupos nômades que habitavam o território da Ásia Central, incorporando alguns desses grupos, como alguns dos chamados “Sakas”, porém ainda mantendo uma relação conflituosa com a maior parte dos grupos nas regiões das fronteiras do Império com os povos do norte da Ásia Central (BARISITZ, 2017, p. 23).

Essas novas regiões sob domínio persa também acabaram sendo divididas em províncias controladas por sátrapas, governadores das províncias/satrapias nomeados pelo próprio rei persa, de forma a manter a ordem nas províncias, com um certo nível de autonomia e autoridade política sendo conferido a essa posição. Na região da Ásia Central foram fundadas as satrapias de Margiana, Bactria, Sogdiana e Khorezm. O estabelecimento das satrapias estava também vinculado às taxas de tributação dessas regiões para com as autoridades centrais persas (BARISITZ, 2017, p. 23).

As satrapias de Sogdiana e Margiana se apresentavam como grandes centros de trocas comerciais, tendo como um exemplo disso a capital de Margiana se tornando um grande centro para caravanas com propósitos mercantis. Enquanto isso, a satrapia de Khorezm se mostrava como uma “junção solta de populações sedentárias, semi-nômádas e nômádas”

(BARISITZ, 2017, p. 25), onde os Sakas, grupos nômades, tinham uma presença forte (BARISITZ, 2017, p. 25).

A inclusão desses novos territórios da Ásia Central em satrapias do Império Aquemênida acabou por facilitar a ligação comercial desses para com os territórios internos do Império, e os sistemas comerciais os quais ele estava inserido, porém Barisitz aponta que esse fator não desempenhou necessariamente um desenvolvimento da atividade econômica na Ásia Central como se esperaria. A razão apontada pelo autor para a falta de crescimento econômico seria pelos altos níveis de taxaçaõ existentes dentro do Império, dessa forma limitando o comércio para a maior parte da população, como é apontado por Barisitz: “Nesse sentido, a política monetária aquemênida (realizada por medidas fiscais) pode ter sido demasiadamente restritiva” (BARISITZ, 2017, p. 26, tradução nossa)⁴. Por outro lado, o domínio persa na região possibilitou o desenvolvimento dos centros urbanos existentes, baseando-se nos moldes persas para a organização das cidades (BARISITZ, 2017, p. 25-26).

Devido às altas taxas de tributação e as crescentes despesas militares por parte do Império Aquemênida a partir do quinto século A.E.C., uma instabilidade interna no Império começou a florescer, e revoltas tornaram-se mais comuns. A satrapia de Khorezm, e os povos nômádicos e semi-nômádicos dos limites territoriais sob controle imperial na Ásia Central, foram todos bem-sucedidos em encerrar o período da dominaçaõ persa em suas respectivas regiões, depois de revoltas no início do quarto século A.E.C. Tais fatores podem ser vistos como indícios de uma crescente instabilidade política do Império Aquemênida (BARISITZ, 2017, p. 26).

As conquistas de Alexandre, O Grande, nos territórios da Ásia Central, durante e após a sua conquista do Império Aquemênida, envolveu a ocupaçaõ dos territórios de Bácia, Sogdiana, Margiana e dos territórios da bacia de Fergana. Nesse contexto, Alexandre até mesmo se casou com Roxana, uma nobre da Bácia, de forma a fortalecer o seu domínio nesta regiãõ. Outros antigos territórios do Império Aquemênida, como a satrapia de Khorezm, que tinha se separado do Império algumas décadas antes da conquista de Alexandre, se mantiveram por fora dos territórios conquistados por ele, continuando independentes. Durante o período de suas campanhas militares, dezenas de cidades foram fundadas por Alexandre ao longo da parte oriental de seu novo império, com tais cidades sendo constituídas tanto por construções em regiões já anteriormente habitadas, como antigos assentamentos, vilarejos e pontos anteriormente fortificados, quanto cidades feitas do “zero”. Essas novas cidades

⁴ Original em inglês: In this sense, Achaemenid monetary policy (carried out by fiscal measures) may have been overly restrictive. (BARISITZ, 2017, p. 26)

marcavam pontos estratégicos de cada região e auxiliavam na estruturação das rotas de comércio que as atravessavam. Essas cidades foram construídas e se organizavam a partir de moldes gregos, e dessa forma, se tornavam centros da cultura helenística ao longo da Ásia Central, com as fundações dessas cidades também marcando o fluxo de colonos gregos e de populações nativas das regiões próximas dessas cidade para o seu povoamento (BOARDMAN, 2015, p. 110; BECKWITH, 2009, p. 69; BARISITZ, 2017, p. 26-28).



Figura 2: Mapa aproximado do Império Macedônico de Alexandre, e as suas conquistas no território da Ásia Central, por volta de 323 A.E.C.. Fonte: Ian Mladjov. (Disponível em: <<https://sites.google.com/a/umich.edu/imladjov/maps?authuser=0>>. Acessado em: 16/03/2022)

A constituição do Império Macedônico de Alexandre marcou grandes mudanças dentro dos territórios do antigo Império Aquemênida. Apesar do período da conquista do Império Aquemênida por Alexandre ter obviamente desencadeado uma instabilidade nesses territórios e nas estruturas imperiais que os regiam até então, eventualmente o comércio e desenvolvimento econômico dentro dessas regiões passaram por crescimentos significativos, que Barisitz atribui às políticas monetárias adotadas no governo de Alexandre, que resultavam em uma maior distribuição dos tesouros até então sob o controle real aquemênida. As cidades fundadas por Alexandre em seus territórios orientais também foram de grande importância para esse crescimento, agindo como transmissores dessas práticas ao longo do território da

Ásia Central e das outras regiões orientais do império, que foram essenciais para o desenvolvimento desses processos que ocorriam dentro do império. Apesar dessas mudanças econômicas, as divisões provinciais das satrapias existentes durante o período aquemênida foram mantidas por Alexandre (STARK, 2021, p. 82; BARISITZ, 2017, p. 28).

1.4: O IMPÉRIO SELÊUCIDA E A ASCENSÃO DO IMPÉRIO PARTA E DO REINO GRECO-BÁCTRIO

Com a morte de Alexandre em 323 A.E.C., o seu império acabou sendo dividido entre seus antigos generais. O Império Selêucida, um dos reinos sucessores do Império de Alexandre, se formou na maior parte dos territórios asiáticos do antigo império, incluindo os territórios controlados ao longo da Ásia Central. O primeiro século de existência do Império Selêucida se mostrou como um período de prosperidade econômica dentro de seus territórios, devido a relativa paz sendo experienciada ao longo do império. A organização imperial selêucida, da mesma forma que o império de Alexandre, acabou mantendo muitas das estruturas existentes desde os tempos aquemênidas, como a organização dos territórios em satrapias relativamente autônomas, as políticas relativas à taxação e as fontes de renda dos governantes selêucidas. Esse período inicial de prosperidade econômica também incluiu um crescimento comercial através dos sistemas comerciais internos e internacionais ao qual o Império Selêucida se incluía, com a infraestrutura oferecida pelas rotas internas do império e as suas ligações com seus territórios na Ásia Central e outros territórios orientais distantes fornecendo uma crescente importância as práticas de taxas alfandegárias do império. Strootman também ressalta a consistente importância bélica que foi dada à região da Ásia central por todos os impérios que controlaram essa região, desde o Império Aquemênida, o Império Macedônico de Alexandre, até o Império Selêucida (STROOTMAN, 2021, p. 17; BECKWITH, 2009, p. 83; BARISITZ, 2017, p. 28).

O interesse selêucida na região era militar acima de tudo. A Ásia Central tinha sido uma das principais fontes de soldados para os Aquemênidas. De acordo com Arrian, as satrapias da Ásia Central mandaram um assombroso número de 20.000 cavaleiros para lutar pelo rei persa na Batalha de Gaugamela em 331 A.E.C. Alexandre deve ter entendido o potencial militar da Ásia Central bem. Quando ele partiu de Bactria em 327 A.E.C, ele deixou para trás um exército de 10.000 soldados de infantaria e 3.500 de cavalaria - mais ou menos um terço da força militar que tinha entrado na Ásia Central dois anos antes. Mais do que um sintoma do estado precário de pacificação, isso é um indicativo da importância geopolítica que a Ásia Central tinha para Alexandre. Alexandre também recrutou tropas lá. No verão de 326 A.E.C ele enviou cerca de 3.500 cavaleiros da Ásia Central contra Poros em Hidaspes (Jelum). Esse número pode ser pequeno em comparação com aqueles que lutaram pelos Aquemênidas e posteriormente os Selêucidas, mas enquanto deixava a Bactria, Alexandre tinha ordenado que nas satrapias orientais 30.000 jovens deveriam ser treinados como infantaria de falange (o muito debatido *epigonoí* "Oriental"). [...] Para o Império Selêucida, sendo uma organização militar, a região era crucial como fonte de soldados, como já tinha sido anteriormente para Alexandre

e antes dele os Aquemênidas. Competições constantes com impérios rivais no oeste - primeiro com os de Antígono e Lisímaco, e depois por mais ou menos um século o Império Ptolemaico - obrigaram os governantes selêucidas a regularmente transferir recursos militares numa grande escala do leste para a Ásia Menor e o Levante. [...] Através do terceiro século e provavelmente também do segundo século A.E.C., os Selêucidas transferiram elefantes de guerra e seus encarregados da Índia, através da Bactria, para o Levante. A Ásia Central então se tornou totalmente integrada na globalização do meio bélico que caracterizou o período Helenístico.⁵ (STROOTMAN, 2021, p. 17-18, tradução nossa)

Alguns dos processos de colonização grega na região também continuaram no período selêucida, em conjunto com o crescimento das atividades comerciais e investimentos a esses locais. Apesar do período selêucida não apresentar tantas evidências para a introdução de novos colonos gregos na região em comparação com o período de Alexandre, ou mesmo o período Aquemênida, esse período não deixou de ser um momento de um fortalecimento da cultura grega nessa região, considerando principalmente novos empreendimentos na arquitetura de diversas cidades da região, que demonstram essa influência grega de forma indiscutível. Strootman salienta a falta de resquícios arqueológicos de adoração ao panteão grego nesse período também como uma evidência que a ocupação das cidades da Ásia Central serem principalmente por nativos de suas respectivas regiões, que poderiam adorar seus próprios deuses, mesmo que a maioria dos oficiais através do império tivessem origens gregas. Nesse momento, outros aspectos como a introdução da viticultura grega, a fortificação das cidades helenísticas fundadas por Alexandre, e a construção de fortes ao longo das rotas existentes dentro do império também foram acontecimentos que valem ser ressaltados (STROOTMAN, 2021, p. 18-19; BARISITZ, 2017, p. 28).

Segundo Barisitz, foram diversas as causas para o que ele chama de uma “renovação econômica” experienciada após a fundação do Império Selêucida:

O estímulo monetário originalmente lançado por Alexandre, o influxo contínuo de colonos, e o fortalecimento das cidades Helenísticas na Ásia Central e no oriente, em

⁵ Original em inglês: Seleukid interest in the region was military above all. Central Asia had been a pivotal source of manpower for the Achaemenids. According to Arrian, the Central Asian satrapies sent a staggering 20,000 horsemen to fight for the Persian king at the Battle of Gaugamela in 331 BCE. Alexander must have understood the military potential of Central Asia well. When he departed from Bactria in 327 BCE, he left behind an army of 10,000 infantry and 3,500 cavalry—about a third of the military force that had entered Central Asia two years earlier. Rather than a symptom of the precarious state of pacification, this is indicative of the geopolitical importance that Central Asia had for Alexander. Alexander also recruited troops there. In the Summer of 326 BCE he deployed about 3,500 Central Asian horsemen against Poros at the Hydaspes (Jhelum). Their number may be small in comparison to those who fought for the Achaemenids and later the Seleukids, but upon leaving Bactria, Alexander had ordered that in the eastern satrapies 30,000 young men should be trained as phalanx infantry (the much-debated ‘Oriental’ epigonoi). [...] For the Seleukid Empire, being a military organization, the region was crucial as a source of manpower, just as it had previously been for Alexander and before him the Achaemenids. Constant competition with rival empires in the west—first those of Antigonos and Lysimachos, and then for a century or so the Ptolemaic Empire—compelled Seleukid rulers to regularly transfer military resources on a massive scale from the east to Asia Minor and the Levant. [...] Throughout the third century and probably well into the second BCE, the Seleukids transferred war elephants and their personnel from India, via Bactria, to the Levant. Central Asia thus became fully integrated in the globalization of warfare that characterized the Hellenistic period.

conjunto com uma estabilidade política, abriram as portas para uma renovação econômica ao longo do império. Essa renovação foi particularmente forte na Ásia Central e no Oriente, dado ao relativamente baixo nível de desenvolvimento econômico desses territórios (comparados com a Mesopotâmia ou o Leste Mediterrâneo). A circulação de dinheiro (monetização), que até aquele momento não tinha sido tão altamente desenvolvida na Ásia Central (exceto por Sogdiana e Margiana), foi impulsionada. Na Bactria, as autoridades cunhavam moedas de ouro e prata.⁶ (BARISITZ, 2017, p. 28, tradução nossa)

O comércio internacional que incorporava os territórios do Império Selêucida ligava regiões como os limites da Ásia Central e da Índia com as regiões mediterrânicas do Levante e da Grécia. Alguns dos itens comercializados eram coisas como tecidos, metais e cerâmicas vindas das regiões ocidentais dessas rotas e do próprio Império Selêucida, sedas e fragrâncias vindas da Índia e de outras regiões orientais. Esse contato existente entre a Índia com as regiões da Ásia Central também possibilitou a migração de comerciantes e artesãos indianos para regiões como a Bactria, o que reforçou uma subsequente expansão do budismo e do hinduísmo para essa região (BARISITZ, 2017, p. 28-29).

Apesar dos fatores positivos expressados sobre o governo selêucida, esse império também sofreu com eventuais crises dentro de seu governo. As mesmas políticas monetárias que tiveram efeitos positivos, primeiro com o Império Macedônico de Alexandre, e depois no Império Selêucida nesse primeiro momento, acabaram, segundo Barisitz, resultando em “(...) uma acentuada flexibilização das políticas monetárias que - com desfasamentos típicos nesse campo - eventualmente acarretaram em inflação e instabilidade” (BARISITZ, 2017, p. 29). Esse período marcou um crescente processo de descentralização ao longo do território imperial, que fez com que as satrapias ao longo da Ásia Central começassem a gradualmente se organizar de forma mais autônoma a partir da segunda metade do terceiro século A.E.C.. Revoltas por parte das regiões da Bactria e da Pártia começaram a se organizar pelas décadas posteriores, e as relações entre esses grupos até a metade do segundo século A.E.C. ainda se mantêm como um campo de discussão extremamente diverso entre pesquisadores, que variavam entre períodos de independência, tributação, alianças e submissão ao Império Selêucida por parte dessas duas antigas satrapias. (STROOTMAN, 2021, p. 21-24; BARISITZ, 2017, p. 29).

A Pártia, durante esse período de crescente autonomia dentro das satrapias selêucidas a partir de 250 A.E.C., foi rapidamente conquistada ao longo da próxima década pela

⁶ Original em inglês: The monetary stimulus originally released by Alexander, the continued inflow of settlers, and the strengthening of Hellenistic cities in CA and the east, as well as political stability, set the stage for a renewed empire-wide economic recovery. This recovery was particularly strong in CA and the east, given the relatively lower initial level of economic development of these territories (compared to Mesopotamia or the eastern Mediterranean). The circulation of money (monetization), which had so far not been highly developed in CA (except for Sogdiana and Margiana), was boosted. In Bactria, the authorities minted gold and silver coins. (BARISITZ, 2017, p. 28)

confederação tribal dos Parnos, grupo nômade pertencente aos povos indo-iranianos, e que viviam a nordeste da satrapia da Pártia. De qualquer forma, esse novo grupo político que se inseria na realidade selêucida ao longo da Ásia Central manteve uma relação instável com o Império Selêucida ao longo de muitas décadas. Conflitos entre os dois grupos terminaram num enfraquecimento do Império Selêucida por volta das décadas de 170-160 A.E.C., que em contrapartida gerou um fortalecimento do agora chamado de Império Parta, que logo começou a se expandir além da região da Partia para outros territórios selêucidas ao sul (STROOTMAN, 2021, p. 21-24; BARISITZ, 2017, p. 29).

Cribb descreve o território da Bactria no período helenístico como “um grande centro cultural, de onde a cultura grega irradiava através da Ásia Central” (CRIBB; HERMANN, 2007, p. 63). A Bactria, que também incorporava as satrapias de Sogdiana e Margiana ao longo do processo de crescente autonomia dessas regiões pelo Império Selêucida, teve na figura de seus sátrapas um crescente descontentamento com a posição política que detinham dentro do império. Assim, ao longo da segunda metade do terceiro século A.E.C., foi gradualmente reforçada a perspectiva de sua independência em relação ao Império Selêucida como um todo, com, por exemplo, a confecção de moedas dentro da região da Bactria se diferenciando aos poucos das produzidas no resto do império, retirando a figura do imperador selêucida e substituindo-a pela a dos próprios líderes bactrios, e mais posteriormente chegando ao ponto dos líderes se declararem reis. Essa nova instituição política acabou sendo denominada como reino Greco-Bactrio, e, como já exposto acima, a sua relação com o Império Selêucida continuou até a metade do segundo século A.E.C. sendo instável e variando as relações de poder entre os dois grupos nesse período. Esse período de constantes conflitos também foi o contexto de um processo de expansão territorial por parte de reino Greco-Bactrio, que resultou na conquista das regiões desde o atual Afeganistão até o Rio Indo e o mar Arábico no Oceano Índico, assumindo controle de todas essas regiões por volta do ano de 180 A.E.C., assim estruturando o chamado reino Indo-Grego⁷ (CRIBB, 2021, p. 654). Em contrapartida, nessa mesma passagem de tempo o Império Selêucida estava para adentrar em um período de perdas territoriais significativas. A ascensão do reino Greco-Bactrio não se limitou a aquisições territoriais, com a sua produção de moedas crescendo exponencialmente,

⁷ As conquistas territoriais do reino Greco-Bactrio que adentraram ao subcontinente indiano são normalmente referidas como territórios “Indo-Gregos”, que foram fragmentados entre algumas dinastias que os regiam naquele período. Essa diferenciação entre Greco-Bactrios e Indo-Gregos foi uma abordagem feita por pesquisadores modernos, justamente para diferenciar esses dois grupos nessas duas localizações diferentes (MAIRS, 2021, p. 3). As relações entre os Greco-Bactrios com os Indo-Gregos são a base para discussões extremamente complexas entre pesquisadores, porém não contempladas pelos objetivos deste trabalho. Sobre essa abordagem, cf. *The Graeco-Bactrian and Indo-Greek World* de Rachel Mairs.

o que facilitou o desenvolvimento de seu comércio interno e internacional. A posição onde esse reino acabou inserido também foi vantajosa de um ponto de vista econômico, como um ponto de ligação entre as regiões da Ásia Central e do Oriente Médio com a Índia, e vice-versa. Esse contato mais direto com a Índia também resultou em uma conexão maior entre esses dois grupos, e conseqüentemente de suas culturas. Cribb, porém, aponta em um possível isolamento sofrido pelo reino Greco-Báctrio com os outros reinos do mundo helênico, que foi provavelmente causado pelo Império Parta estar inserido entre o reino Greco-Báctrio e essas regiões ocidentais, que nesse sentido pode ter afetado os territórios greco-báctrios economicamente (CRIBB; HERMANN, 2007, p. 63-64; STROOTMAN, 2021, p. 21-24; BARISITZ, 2017, p. 29).

A forma como as cidades do reino Greco-Báctrio se organizavam, considerando, por exemplo, como a cultura grega se afirmava na região, pode ser evidenciada na descrição da cidade de Ai Khanoum, que foi parte do reino Greco-Báctrio até a desintegração desse reino, por volta da segunda metade do segundo século A.E.C. (BOARDMAN, 2015, p. 109-111).

Os edifícios canônicos de uma pólis Grega clássica estão lá. Um templo, dedicado ao fundador (Kineas), como teria sido em uma fundação colonial grega no Mediterrâneo, um ginásio, um teatro, que poderia servir também como local de reunião, um palácio – já que ornamentos de realeza tinham se tornado respeitáveis entre Gregos, pelo menos tão longe de casa, embora a planta do palácio devesse mais à práticas orientais, possuindo uma série de pátios. A arquitetura clássica monumental em pedra, com as ordens usuais (dórica, jônica, coríntia), era estranha a essa região, mas logo foi adotada. [...] Esculturas monumentais também são encontradas, assim como todo o artesanato de luxo de metalurgia, e as “artes menores”, tão evidentes em todas as cidades gregas – estatuetas de barro, revestimentos decorativos para edifícios. A relativa falta de pedra fina, preferencialmente o mármore, para esculpir, significava muitas vezes o uso da técnica de acrólito encontrada também em outros sítios gregos periféricos no oeste, com as partes vestidas de figuras esculpidas em madeira e apenas as partes de carne em pedra. [...] Em muitos aspectos, a qualidade e o estilo fazem jus ao melhor da Grécia, apesar do aspecto estrangeiro geral da cidade e seu cenário, um caráter revelado principalmente nos detalhes das artes. Não havia como confundir Ai Khanoum como uma réplica da vida mediterrânea, mas de qualquer forma sua identidade grega era abundantemente aparente, e não somente nas inscrições.⁸ (BOARDMAN, 2015, p. 110-111, tradução nossa)

⁸ Original em inglês: The canonical buildings for a classical Greek polis are there. A temple, dedicated to the founder (Kineas) as it would have been in a Greek colonial foundation in the Mediterranean, a gymnasium, a theatre that could serve also as a place of assembly, a palace – since royal trappings are by now respectable among Greeks, at least so far away from home, although the palace plan owed most to eastern practice with series of courtyards. Monumental classical stone architecture with the usual orders (Doric, Ionic, Corinthian) was rather foreign to these parts but soon embraced. [...] Monumental sculpture is found too, as well as all the luxury crafts of metalwork, and the ‘minor arts’ so conspicuous in all Greek towns – clay figurines, decorative revetments for buildings. The relative lack of fine stone, the preferred marble, for sculpture, meant often using the acrolith technique met also in other peripheral Greek sites in the west, with clothed parts of figures carved in wood and only the flesh parts in stone. [...] In most respects the quality and style live up to the best of the homeland despite the overall foreign aspect of the town and its setting, a character revealed mainly in details in the arts. There could be no mistaking Ai Khanoum for a replica of Mediterranean life, but equally its Greekness was abundantly apparent, and not least in the inscriptions.



Figura 3: Extensões territoriais do Partas e dos Greco-Báctrios no início de seu gradual processo de autonomia sobre o Império Selêucida, por volta de 240 A.E.C.. Fonte: Ian Mladjov. (Disponível em: <<https://sites.google.com/a/umich.edu/imladjov/maps?authuser=0>>. Acessado em: 16/03/2022)



Figura 4: Conquistas territoriais dos Partas e Greco-Báctrios por volta do ano de 170 A.E.C.. Fonte: Ian Mladjov. (Disponível em: <<https://sites.google.com/a/umich.edu/imladjov/maps?authuser=0>>. Acessado em: 16/03/2022)

1.5: O IMPÉRIO XIONGNU, OS DESLOCAMENTOS NÔMADES À ÁSIA CENTRAL E AS ORIGENS DO IMPÉRIO KUSHAN

Na região das Estepes Orientais, que incorporam parte das atuais regiões da China, Mongólia e Rússia, a estruturação de uma nova organização política tomou forma, na segunda metade do terceiro século A.E.C.: A formação do chamado “Império Xiongnu”. Esse império das estepes, segundo Stark, representa o que ele chama de uma formação verdadeiramente imperial, controlando e adquirindo uma multitude de territórios e uma grande diversidade de populações a partir de sua esfera territorial original, mesmo que a sua estruturação específica ainda não tenha gerado um consenso entre os pesquisadores da área (STARK, 2021, p. 85).

Stark também discorre sobre como a formação desse império ocorreu logo após a fundação da China Imperial sob a dinastia Qin, e que essa proximidade temporal não pode ser vista como mera coincidência. As práticas tomadas pelo Império Chinês sobre os seus territórios vizinhos, principalmente ao norte, onde as estepes orientais se localizavam em parte, foram de uma abordagem expansionista, o que pode ter influenciado as populações que ali viviam a se adaptar de forma que conseguissem combater a essas atividades bélicas sendo tomadas pelo Império Chinês (STARK, 2021, p. 85).

Narrativas historiográficas chinesas descrevem esse processo como a rápida ascensão política de um certo Modu 冒頓, filho de um chefe Xiongnu, ao poder imperial supremo sobre “todos que puxam o arco”. A sua carreira foi a de um “líder carismático” - o primeiro caso documentado em uma longa lista de construtores de impérios nômades com carreiras muito similares.

Na primeira metade do segundo século A.E.C., o domínio imperial dos Xiongnu alcançou desde Ordos ao Lago Baikal e da Manchúria até a região de Syr-Darya, com seu centro nas terras das Estepes Mongóis (Brosseder 2016). [...] Como resultado, a comunicação entre as elites inter-regionais dentro e além da Ásia Interior se intensificaram significativamente. Essa intensificação das redes de troca inter-regionais trouxe consigo um número de expressões culturais unificadoras de “afiliação saliente” - como certas novas práticas mortuárias, uma ampla adesão de certos elementos de decoração de vestuário (ex. ornamentos de cinto específicos), e um estilo de armamento uniforme (ex. o arco composto com fortalecedores ósseos) através de grandes áreas das estepes orientais e além (Miller and Brosseder 2017). Tudo isso levou a formação de novas redes longínquas entre as elites, que formaram a base de uma emergente economia de bom prestígio (Brosseder 2015).⁹ (STARK, 2021, p. 85, tradução nossa)

⁹ Original em inglês: Chinese historiographical narratives describe this process as the rapid political rise of a certain Modu 冒頓, son of a Xiongnu chief, to supreme imperial power over “all the people who draw the bow”. His career was that of a ‘charismatic leader’ – the earliest documented case in a long list of nomadic empire builders with very similar careers. By the first half of the 2nd century BCE the imperial sway of the Xiongnu reached from the Ordos to Lake Baikal and from Manchuria into the Syr-Darya region, with its centre in the Mongolian steppe lands (Brosseder 2016). [...] As a result, inter-regional elite communication within and beyond Inner Asia intensified significantly. This intensification of networks of inter-regional exchanges brought about a number of unifying cultural expressions of ‘salient affiliation’ – such as certain new mortuary practices, a broad adherence of certain elements of costume decoration (e.g. specific belt ornamentations), and a uniform style of weaponry (e.g. the compound bow with bone strengtheners) across large areas of the eastern steppes and beyond (Miller and Brosseder 2017). All this led to the formation of new far reaching elite networks, that formed the basis of an emerging prestige good economy (Brosseder 2015).

O Império Xiongnu também acabou desencadeando grandes mudanças políticas para além de seus limites territoriais. Processos de deslocamentos populacionais foram iniciados decorrentes dos conflitos entre os Xiongnu com outros grupos nomádicos. Um grupo de interesse entre esses a ser mencionado é o dos nômades Yuezhi, que depois de serem derrotados pelos Xiongnu acabaram saindo de suas terras originais, que incorporavam grande parte da atual província de Gansu, na China, por volta do ano de 176 A.E.C., e acabaram se dividindo em dois grupos. Um desses grupos, chamados de “Grande Yuezhi”, tomaram rumo para oeste, onde tomaram as terras ao longo da região da Jungharia, no norte da atual província de Xinjiang, na China, de outro grupo nomádico que ali residia, um dos grupos Saka, que conseqüentemente se retiraram para sudoeste, e entraram em conflitos com os greco-báctrios, saqueando suas cidades. O outro grupo, chamado de “Pequeno Yuezhi”, se retirou para o sul, para as montanhas de Nan Shan. Os Grande Yuezhi acabaram sendo expulsos de sua nova localização pouco tempo após sua ocupação na mesma, sendo dessa vez derrotado pelos Wusun, outro grupo nomádico que vivia próximo aos Yuezhi originalmente. Sendo forçados novamente a se realocar, os Grande Yuezhi se movimentaram para oeste até os territórios de Sogdiana, onde entraram em contato com os diferentes povos presentes nessa região e em seus arredores (STARK, 2021, p. 85-87; BECKWITH, 2009, p. 84-85; BARISITZ, 2017, p. 36; CRIBB; HERMANN, 2007, p. 60).

No contexto desse campo histórico, as perspectivas apresentadas pelos pesquisadores da área sobre os diferentes povos inseridos no contexto da região da Bactria e seus arredores não possuem um consenso fixo. Autores como Beckwith não se adentram muito sobre os processos de contatos e conflitos entre os diversos grupos incluídos nesse contexto geográfico. Ele salienta, como já foi citado acima, da expulsão inicial de grupos Sakas da região da Jungharia pelos Grande Yuezhi, e que essa expulsão desencadearia num grande processo migratório desses Sakas que os levariam até o norte da Índia. Os Grande Yuezhi começariam um processo de conquista do território da Bactria a partir de sua ocupação em Sogdiana, e assim formariam um reino neste território chamado de Tocaristão, por volta de 130-120 A.E.C., que seria dividido entre cinco líderes tribais inicialmente, mas que finalmente teria seu poder centralizado na figura de Kujula Kadphises, chefe da tribo dos Kushan, que fundaria na metade do primeiro século E.C.¹⁰ o Império Kushan (BECKWITH, 2009, p. 84-85). Outros autores como Boardman também mantêm uma argumentação bem

¹⁰ Beckwith põe como data de fundação do Império de Kushan por Kujula Kadphises o ano de 50 A.E.C., o que provavelmente foi um erro de edição do livro, pois contraria todas as outras fontes sobre o assunto (CRIBB, 2018, p. 6).

superficial do processo de conquista do território Báltrio pelos Grande Yuezhi, com um diferencial de apontar um conflito direto entre os Grande Yuezhi com os greco-báltrios, que não são citados diretamente por Beckwith (BOARDMAN, 2015, p. 136-137). Barisitz e Cribb, como também já vimos acima, falam respectivamente de invasões e saques de territórios greco-báltrios pelos Sakas antes das invasões nesses territórios protagonizadas pelos Grande Yuezhi. Cribb fala sobre uma possível integração das populações Sakas com os posteriores invasores Grande Yuezhi, e ressalta um retrato comparativo das diferentes populações ali inseridas a partir de suas culturas e de suas relações com a realidade material existentes, como suas posições sobre a tradição helenística que ainda se mostrava presente ao longo da Ásia Central. Um fator de interesse citado por Cribb é o de conflitos evidenciados entre Kujula Kadphises com populações vizinhas Sakas ou Citas (CRIBB; HERMANN, 2007, p. 60-63). Barisitz mantém uma perspectiva concisa de invasões sucessivas ao território greco-báltrio, primeiro por Sakas e posteriormente pelos Grande Yuezhi, porém não descrevendo as possíveis relações entre os dois grupos, concluindo somente com a eventual conquista de todo o território do antigo reino greco-báltrio pelos Grande Yuezhi e a eventual fundação do Império Kushan (BARISITZ, 2017, p. 36).

Yu (2021) acaba elaborando uma perspectiva que contraria muitas das posições adotadas pelos autores acima. Na perspectiva de Yu, o grupo ou tribo denominado de Kushan, ou “Guishuang”, como é chamado pelas fontes chinesas, fazia parte de uma das quatro tribos Sakas que foram expulsas da região da Jungharia, e foram em direção até o reino Greco-Báltrio, onde derrubaram o reino em por volta de 140 A.E.C, pelo menos uma década antes da invasão dos Grande Yuezhi a esse território. Os conflitos que os Grande Yuezhi acabaram tendo nessa região, então, não poderiam ter sido contra os greco-báltrios, e sim contra essas tribos Sakas que ali tinham se instalado. As quatro tribos Sakas que constituíam esse grupo eram os Asii, os Gasiani, os Tochari e Sacarauri. Essas tribos controlavam o território da Báltria de forma completamente autônoma, principalmente quando comparado com o reino Greco-Báltrio, que era estruturado sob a figura de um rei (YU, 2011, p. 4-7).

Os chamados de “Gasiani” são apontados por Yu como os próprios Kushan ou Guishuang, com essa diferença de denominação vindo de uma simples transcrição do mesmo nome, sendo essa tribo, como já apontado acima, uma das que seriam conquistadas algumas décadas depois pelos Grande Yuezhi. A organização desses territórios agora então controlados pelos Grande Yuezhi foi o de dividir essas áreas de forma que a região central da Báltria e seus arredores ficassem sob seu controle direto, enquanto que as regiões orientais ficassem sob controle das chamadas cinco tribos, ou os cinco “Xihou 翺侯”, como as fontes chinesas

as nomeiam. Xihou 翯侯¹¹ seria um título conferido a esses grupos subordinados dos Grande Yuezhi, como um costume originado, ou pelos Grande Yuezhi, ou pelos grupos anteriormente inseridos no território da Bactria, ou até mesmo como um título conhecido e usado por todos eles. Esses cinco Xihou 翯侯 provavelmente foram organizados a partir de grupos já existentes dentro do território da Bactria antes de sua conquista pelos Grande Yuezhi, como as quatro tribos Sakas que dominavam o território logo antes dessa conquista. Uma dessas tribos ou Xihou 翯侯 teve o nome de Guishuang, e foi dessa tribo que surgiu a figura de Kujula Kadphises (YU, 2011, p. 2-9; 2021, p. 1-2).

Qiujiuque 丘就卻 (Kujula Kadphises), o fundador da dinastia Guishuang 貴霜, tinha sido o Xihou 翯侯 dos Guishuang 貴霜 no estado de Daxia¹²大夏. [...] Ele se estabeleceu como rei; seu estado foi nomeado de Guishuang 貴霜 depois dos outros quatro Xihou 翯侯 terem sido destruídos. Depois de 50 E.C., ele capturou Paropamisadae de Gondophares ou seu sucessor que veio de Sakastão (regiões superiores ou médias do atual Rio Kabul). Depois disso, Qiujiuque 丘就卻 depôs o rei dos Grande Yuezhi 大月氏, seu antigo suserano, que estava entrincheirado na Bactria e nas áreas arredores, e completou a unificação do Tocaristão. Por volta de 60 E.C., Qiujiuque 丘就卻 se movimentou para o sul e ocupou Gandhara e Taxila, onde ele aniquilou o restante das forças da família de Gondophares. A dinastia de Kushan assim se estabelecia.¹³(YU, 2021, p. 2, tradução nossa)

Cribb, em contrapartida, expõe uma perspectiva sobre o título de Xihou 翯侯 como um título dos povos Yuezhi e Wusun sob uma transcrição chinesa, ou possivelmente como um título chinês dado a líderes aliados. Cribb também discorda de outras perspectivas de Yu, e interpreta o título de Xihou 翯侯 como algo que era reservado às elites dentro da esfera social dos Grande Yuezhi, e portanto considera que somente membros da corte ou membros vinculados familiarmente com o próprio rei poderiam ser conferidos tais títulos. Na sua visão, portanto, os cinco Xihou 翯侯 não poderiam ser de grupos locais que foram conquistados pelos Grande Yuezhi, o que não se adequaria com a importância que esse título carregava (CRIBB, 2018, p. 1 e 4-5). A localização dos Xihou 翯侯 também acaba sendo outro ponto de oposição entre a visão abordada acima de Yu com a de Cribb. Segundo o último:

A localização dos *xihou* como expostos por Grenet deixam claro que eles ocupam o mesmo território que o *Han Shu* indica para a localização da corte do rei dos Grande

¹¹ Optei por manter o uso dos *hanzi*, isso é, dos caracteres chineses após a romanização do termo Xihou 翯侯, da mesma forma que Yu os utiliza, considerando a complexidade de significados que os logogramas podem transmitir, e que a sua romanização não conseguiria abordar.

¹² Yu denomina como Daxia 大夏 os territórios do antigo reino Greco-Bactrio após ficarem sob o controle das tribos Sakas, e antes de sua conquista pelos Grande Yuezhi. Daxia 大夏 é uma denominação que tem origem nas fontes chinesas antigas que tratam sobre essa região, como o diplomata Zhang Qian.

¹³ Original em inglês: Qiujiuque 丘就卻 (Kujula Kadphises), the founder of the Guishuang 貴霜 dynasty, had been the Xihou 翯侯 of Guishuang 貴霜 in the state of Daxia 大夏. [...] He established himself as king; his state was named Guishuang 貴霜 after the four other Xihou 翯侯 had been destroyed. After c. 50 CE, he seized Paropamisadae from Gondophares or his successor who came from Sakāstan (the upper and middle reaches of the present-day Kabul River). After that, Qiujiuque 丘就卻 overthrew the king of the Da Yuezhi 大月氏, his former suzerain, who was entrenched in Bactria and the surrounding area, and completed the unification of Tokhāristan. Around 60 CE, Qiujiuque 丘就卻 moved south and occupied Gandhāra and Taxila, where he annihilated the remaining forces of Gondophares' family. The Kushān dynasty was thus established.

Yuezhi, a norte do Rio Oxus/Amu Darya (媯水 guishui). Isso oferece mais evidências de que os cinco *xihou*, incluindo o *xihou* de Kushan, eram parte da elite dos Grande Yuezhi ao invés de príncipes locais.

De acordo com o *Hou Han Shu* (Hill 2009, p. 28–29), mais de cem anos depois que os cinco *xihou* tinham sido encarregados de Tocaristão, Kujula Kadphises (丘就卻 qiujiuque), o *xihou* de Guishuang, depôs os outros quatro *xihou* e se estabeleceu como o único governante em Tocaristão. Essa ação o tornou o líder do antigo estado dos Grande Yuezhi, mas parece provável que o título de rei dos Grande Yuezhi já havia se tornado obsoleto, já que não existe menção desse título desde o *Han Shu*. O *Hou Han Shu* torna claro que Kujula Kadphises e seu filho não foram identificados por seus vizinhos como os Grande Yuezhi, mas como reis Kushan, mesmo que os Chineses continuassem a se referir a eles como reis dos Grande Yuezhi. A ascensão de Kujula Kadphises parece ter ocorrido por volta de 50 d.C (Cribb 2018)¹⁴ [...] (CRIBB, 2018, p. 5-6, tradução nossa)

Cribb também vê a origem do nome Kushan como o nome familiar do primeiro Xihou 翯侯 de Kushan, que também contraria a perspectiva de Yu de se referir a uma das tribos Saka que invadiram a Bactria antes dos Grande Yuezhi, como visto anteriormente (CRIBB, 2018, p. 17).

Dessa forma, a diversidade das perspectivas sobre esse campo ainda demonstram um certo nível de incongruências sobre esse período e região. O contraste entre a visão de autores como Yu e Cribb por si só já encapsulam esse argumento. As diferentes origens propostas tanto para o nome dos Kushan, quanto para a sua relação com os chamados de Grande Yuezhi e as tribos Sakas, o contexto e prestígio por trás do título de Xihou 翯侯, e a identidade por trás dos grupos que adquiriram esse título realçam muito bem como os estudos sobre esse período de constantes conflitos e deslocamentos populacionais ainda é um espaço para amplos debates, mesmo que as abordagens adotadas por Cribb tenham um maior apoio por estudiosos da área (CRIBB, 2018, p. 16-17).

Stark reforça o argumento de que esses deslocamentos populacionais dos grupos como os Grande Yuezhi para a Ásia Central, apesar de serem descritos pelas fontes historiográficas chinesas como grandes processos migratórios desses povos, provavelmente descreviam por maior parte o deslocamento das *elites* que pertenciam a esses grupos, com essa narrativa chinesa de migrações de grande escala tendo de ser analisadas “[...] como um reflexo de processos políticos e etno-genéticos muito mais complicados (mas sem dúvida incluindo o

¹⁴ Original em inglês: The locations of the xihous as set out by Grenet makes it clear that they occupy the same territory as the Han Shu indicates for the location of the Da Yuezhi king’s court, north of the river Oxus/Amu Darya (媯水 guishui). This offers further evidence that the five xihous, including the Kushan xihou, were part of the Da Yuezhi elite rather than local princes. According to the Hou Han Shu (Hill 2009, pp. 28–29) more than a hundred years after the five xihous had been given charge of Tokharistan, Kujula Kadphises (丘就卻 qiujiuque), the Guishuang xihou, overthrew the other four xihou and established himself as sole ruler in Tokharistan. This action made him leader of the former Da Yuezhi state, but it seems likely that the title Da Yuezhi king had already become obsolete, as there is no mention of this title since the Han Shu. The Hou Han Shu makes it clear that Kujula Kadphises and his son were not identified by their neighbors as Da Yuezhi, but as Kushan kings, even though the Chinese continued to refer to them as Da Yuezhi kings. The rise of Kujula Kadphises appears to have taken place c. AD 50 (Cribb 2018) [...]

deslocamento das elites nômades e grupos dependentes)”¹⁵(STARK, 2021, p. 86). Além disso, ele também elabora sobre como esses processos de mudanças territoriais e políticas não devem ser vistas como resultantes exclusivamente dos conflitos iniciados ou causados pelo Império Xiongnu:

Apesar disso, outro fator importante pode também ter sido o caos no qual o controle grego na Bactria foi posto depois do assassinato de Eukratides I em algum momento por volta de 145 A.E.C. (e não o contrário, como é normalmente visto). Não é improvável que facções competindo entre si dentro da Bactria deliberadamente chamaram contingentes tribais e bandos de guerra pessoais de seus vizinhos do norte como suporte. Tal cenário não é só amplamente atestado para períodos posteriores, mas explicitamente mencionado também para o caso aproximadamente contemporâneo dos Arsácidas chamando contingentes Sakas contra seus rivais Selêucidas no início da década de 120 A.E.C.. Então talvez a chegada de novos grupos nomádicos em Bactria e o estabelecimento de regimes políticos por elites de origem nomádica, mesmo se originalmente engatilhadas pela expansão dos Xiongnu e as subsequentes mudanças nas estepes orientais (ocupação do Vale de Ili pelos Wusun 烏孫), não foi o resultado de “invasões nomádicas”, mas de processos complexos que aconteceram muito mais gradualmente do que é normalmente assumido.¹⁶ (STARK, 2021, p. 86, tradução nossa)

De qualquer forma, o Império Kushan, fundado por Kujula Kadphises no primeiro século E.C., acabou eventualmente incorporando todos os territórios que tinham pertencido ao reino Greco-Bactrio, e assim iniciou um processo de expansão que englobou grandes partes do território da Ásia Central, adentrando até o subcontinente indiano (BARISITZ, 2017, p. 36 e 41).

No decorrer do primeiro século E.C, os Kushans expandiram seu domínio para Khorezm/o Mar de Aral, Ferghana, Margiana, Sul do Afeganistão, Gandhara (a área envolta de Taxila), e o Punjab e incorporou todo o vale do Indo, a parte superior do vale do Ganges (Norte da Índia), e Gujarat (na costa do Mar Árabe); durante um período de fraqueza interna da dinastia Han na primeira metade deste século (como pode-se ver acima), o Império Kushan até mesmo temporariamente estendeu sua autoridade para a metade ocidental da Bacia de Tarim, incluindo Kashgar, Yarkand, e Khotan.¹⁷ (BARISITZ, 2017, p. 41, tradução nossa)

¹⁵ Original em inglês: [...] it as a refecation of much more complicated political and ethno-genetic processes (but doubtlessly including the displacement of nomadic elites and dependent households).

¹⁶ Original em inglês: However, another important factor might well have been the chaos into which Greek rule in Bactria was thrown after the murder of Eukratides I at some point around 145 BCE (and not the other way round, as is usually assumed). It is not at all excluded that competing war factions inside Bactria deliberately called in tribal contingents and personal warbands from their northern neighbors for support. Such a scenario is not only amply attested for later periods, but explicitly mentioned also for the roughly contemporary case of the Arsakids calling in Saka contingents against their Seleukid rivals in the early 120s BCE (see below). So perhaps the arrival of new nomadic groups in Bactria and the establishment of political regimes by elites of nomadic origin, even if originally triggered by the expansion of the Xiongnu and subsequent political changes in the eastern steppes (occupation of the Ili valley by the Wusun 烏孫), was not the result of ‘nomadic invasions’ but of complex processes that took place much more gradually than is usually assumed.

¹⁷ Original em inglês: In the course of the first-century CE, the Kushans expanded their rule to Khwarazm/the Aral Sea, Ferghana, Margiana, Southern Afghanistan, Gandhara (the area around Taxila), and the Punjab and incorporated the entire Indus valley, the upper Ganges valley (Northern India), and Gujarat (at the coast of the Arabian Sea); during a period of internal weakness of the Han dynasty in the first half of this century (see above), the Kushan Empire even temporarily extended its authority to the western half of the Tarim Basin, including Kashgar, Yarkand, and Khotan.

Cribb ressalta o período das migrações dos grupos nomádicos na Ásia Central, que resultaram na dissolução do reino Greco-Báctrio, como um processo de reestruturação das culturas e redes de contato que ali tinham se desenvolvido. Essas novas instituições são vistas pelo autor como um fator a ser considerado no contexto da posterior formação das Rotas de Seda, e mesmo que elas tenham se desenvolvido propriamente muito depois desses processos econômicos e culturais já terem ocorrido, ainda assim podem ter sido, em parte, possibilitadas pelos mesmos. Apesar da visão de Cribb de que o reino Greco-Báctrio poderia ter limitações no meio econômico referindo-se às atividades comerciais com os povos ocidentais à Ásia Central, devido ao território do Império Parta bloquear esses contatos, ele não procura propor que o fim do reino Greco-Báctrio necessariamente tenha resultado no início desse processo de redes comerciais de grande escala, mesmo que temporalmente exista uma interpolação entre o fim do reino Greco-Báctrio com os processos que iniciaram as Rotas da seda, mas somente procura salientar essa consideração. A ascensão do Império Kushan beneficiou as redes que se desenvolveram a partir das migrações nomádicas à Ásia Central, onde a estabilidade de seu território, que também incorporava parte da Ásia Meridional, proveu uma infraestrutura que possibilitou um comércio internacional de larga escala através de sua região, que se iniciou durante o primeiro século E.C. (CRIBB; HERMANN, 2007, p. 63-64).

A extensão territorial do Império Kushan tinha dimensões estrondosas, e dessa forma, mantinha uma grande diversidade cultural dentro de sua sociedade. As culturas dos diferentes grupos aos quais seu território já tinha pertencido, como os aquemênidas, gregos, partas e indianos, foram assimiladas dentro dessa realidade. Da mesma forma, o Império Kushan também foi o palco para a proliferação de diversas religiões através de seu território, como o maniqueísmo, cristianismo nestoriano e o budismo, e para a impulsão dessas religiões pelas redes de contato que uniam a sua região com outros povos para além de seus limites territoriais, através das Rotas da Seda (LIU, 2010, p. 43; BARISITZ, 2017, p. 42). Um exemplo que une bem esses dois pontos, é a formação do estilo artístico que foi denominado por Alfred Foucher como arte “Greco-Budista” (DECAROLI, 2015, p. 14). A arte Greco-Budista representava figuras da crença budista, como o próprio Buda ou seus guardiões e seguidores, segundo influências supostamente greco-romanas para a produção dessas artes. Esse estilo pode nos demonstrar como a tradição helenística se mantinha viva dentro da realidade do Império Kushan, e também em como o budismo ganhou destaque dentro do território do império, principalmente em regiões como Gandhara, que se localiza em parte dos atuais países do Afeganistão e Paquistão, onde floresceram comunidades budistas e provavelmente se desenvolveu esse estilo artístico. A transmissão do budismo dentro das

redes de contato internas do Império Kushan, e seguindo além pelas Rotas da Seda, expandiu o alcance dessa religião até a Bacia de Tarim, na atual província de Xinjiang, na China, e daí até o território central do Império Chinês, onde lá também se estabeleceu (BEHRENDT, 2007, p. 4 e 39; DECAROLI, 2015, p. 13-14; BARISITZ, 2017, p. 42; CRIBB; HERMANN, 2007, p. 62).

O Império Kushan teve seu apogeu por volta da segunda metade do primeiro século E.C. até a primeira metade do terceiro século E.C., transferindo durante o primeiro e segundo séculos E.C. o seu centro político de seus territórios ao longo da Ásia Central para o norte do subcontinente indiano, onde a maior parte das novas cidades fundadas pelo império se localizavam. Esse foi um momento de prosperidade para o império, que, ao mesmo tempo que possibilitou o desenvolvimento das Rotas da Seda logo no início desse período, também foi beneficiado por sua posição central nas Rotas da Seda. Isso fez com que, tanto as Rotas da Seda, quanto o próprio Império Kushan participassem ativamente nos processos de trocas comerciais e contatos culturais que ajudaram na disseminação dessas produções culturais diversas, com o império agindo como um mecanismo para exponencializar esses processos promovidos pelas rotas (LIU, 2010, p. 43; BARISITZ, 2017, p. 42; CRIBB; HERMANN, 2007, p. 64).

1.6: A CHINA IMPERIAL, O IMPÉRIO XIONGNU E A ABERTURA DAS ROTAS DA SEDA

Conflitos entre o Império Xiongnu com o Império Chinês da dinastia Qin, e posteriormente da dinastia Han, persistiram durante os últimos séculos A.E.C., desde o seu desencadeamento na segunda metade do terceiro século A.E.C.. Durante o governo da dinastia Qin, grandes construções foram produzidas como consequência do conflito entre essas duas potências. A Grande Muralha da China é uma dessas construções, sendo feita a partir da ligação entre inúmeras muralhas já existentes para tentar impedir o ataque dos exércitos Xiongnu dentro de seus territórios. O breve período de duração da dinastia Qin e o período inicial da dinastia Han, porém, não foram períodos onde o Império Chinês conseguiu qualquer sucesso em seus conflitos com os Xiongnu. A alternativa aos conflitos diretos entre esses dois grupos acabou sendo a do uso de meios diplomáticos pelos chineses para com os Xiongnu. O envio de princesas da corte chinesa para o líder Xiongnu, e também de práticas de tributação foram algumas das ações tomadas pelos chineses nesse período. Essa tributação era feita principalmente através do envio de seda aos líderes Xiongnu, seda que era tanto usada por esses líderes como forma de demonstrar seu status dentro de sua sociedade, quanto também, segundo Barisitz, como um produto a ser comercializado através dos territórios de

seu império “com seus vizinhos à oeste, até Roma” (BARISITZ, 2017, p. 31). Esse tipo de prática comercial pode ser vista como um dos primórdios da formação das Rotas da Seda. As práticas diplomáticas por parte dos chineses para manter uma paz com os Xiongnu se mantiveram por algumas décadas, mas na segunda metade do segundo século A.E.C. os conflitos foram retomados, com o reinado do imperador chinês Wu (LIU, 2010, p. 3-6; BARISITZ, 2017, p. 30-31).

Como um imperador chinês capaz, Wudi, tomou a ofensiva contra os Xiongnu logo após ascender ao trono em 140 A.E.C.. Ele mandou expedições militares às estepes e capturou numerosos rebanhos de cavalos e ovelhas, enquanto empurrava os nômades para longe das fronteiras chinesas. Porém, os Xiongnu, como um povo migratório, nunca consideraram uma recuada como uma derrota, e eles nunca pretenderam conquistar e governar sobre terras de agricultura. Eles continuaram a saquear vilarejos e cidades chinesas. O imperador Wudi ainda desesperadamente precisava de aliados entre os guerreiros nômades para assegurar a paz ao longo dos limites de seu império.

Quando notícias do conflito entre os Yuezhi e os Xiongnu alcançaram a corte Han, no início do reinado do Wudi, ele decidiu mandar um emissário oeste aos Yuezhi, esperando fazer uma aliança com eles contra os Xiongnu. Nenhum dignitário estava disposto a realizar essa jornada perigosa para essa região desconhecida aos chineses, mas um oficial sem importância chamado Zhang Qian atendeu esse pedido.¹⁸ (LIU, 2010, p. 6, tradução nossa)

Os conflitos entre os Yuezhi e os Xiongnu já foram anteriormente abordados, com os Yuezhi sendo derrotados e se retirando a oeste até chegarem na região da Bácia, na Ásia Central. Essa expedição de Zhang Qian aconteceu por volta dos anos de 138-119 A.E.C., e foi a partir dela e dos relatórios que Zhang Qian fez sobre essa expedição que foram produzidas fontes documentais chinesas sobre esses grupos e regiões as quais Zhang Qian teve contato, mesmo que a maior parte das documentações que temos conhecimento sobre tenham sido escritas pelo menos um século depois dessas expedições (LIU, 2010, p. 7-8; HANSEN, 2012, p. 14).

[...] Zhang Qian foi através dos territórios Xiongnu no seu caminho até os Yuezhi. Os Xiongnu aprisionaram Zhang, e ele levou mais ou menos dez anos para escapar. De qualquer forma, ele continuou com sua visita aos Yuezhi. No seu retorno, por volta do ano de 126 A.E.C., ele deu ao imperador a primeira informação detalhada que os chineses receberam sobre os diferentes povos da Ásia Central. Zhang Qian ficou extremamente surpreso em descobrir que comerciantes chineses e produtos comerciais tinham precedido ele à Ásia Central. Nos mercados da Bácia, no atual norte do Afeganistão, Zhang Qian viu bambu e tecidos manufaturados na província chinesa de Sichuan, a milhares de milhas de distância. As mercadorias chinesas

¹⁸ Original em inglês: A capable Chinese emperor, Wudi, took the offensive against the Xiongnu soon after he ascended the throne in 140 bce. He sent military expeditions to the steppe and captured numerous herds of horses and sheep, while pushing the nomads away from the Chinese borders. However, the Xiongnu, as a migratory people, never considered a retreat a defeat, and they never intended to conquer and rule the agricultural lands. They continued to loot Chinese villages and towns. The emperor Wudi still desperately needed allies among nomadic warriors to ensure peace along the borders of his empire.

When news of conflict between the Yuezhi and the Xiongnu reached the Han court early in the reign of Wudi, he decided to send an envoy westward to the Yuezhi, hoping to make an alliance with them against the Xiongnu. No dignitary was willing to undertake the dangerous journey into this region unknown to the Chinese, but a petty official named Zhang Qian answered the call.

devem ter viajado por terra. Depois do retorno de Zhang Qian, a dinastia Han gradualmente estendeu seu controle ao noroeste. Ao final do segundo século A.E.C. foram assegurados os territórios do Corredor de Gansu e Dunhuang. Toda vez que o exército chinês conquistava uma nova região, ele construía faróis em intervalos fixos. Se uma perturbação ocorresse, os soldados guardando o farol acendiam tochas para alertar os homens na próxima torre, e assim por diante até as notícias alcançarem a primeira guarnição que pudesse despachar tropas para a área conturbada. Além desses faróis, o exército Han também estabeleceu guarnições nos territórios recém conquistados.¹⁹(HANSEN, 2012, p. 14, tradução nossa)

Dessa forma, as expedições de Zhang Qian foram inestimáveis no quesito das informações adquiridas sobre os povos ao longo dos territórios da Ásia Central e dos sistemas comerciais lá presentes, porém ele não foi bem-sucedido em sua tarefa original de trazer aliados para os chineses contra os Xiongnu. Apesar disso, o período concomitante ou logo após essa expedição foi um período de grande sucesso dos chineses contra os Xiongnu, derrotando-os numerosas vezes além dos limites da Grande Muralha, construída um século antes, assegurando assim a proteção das populações chinesas que viviam nos limites territoriais de seu império das incursões dos Xiongnu. As informações de Zhang Qian também deram início, como exposto por Hansen acima, a expansões territoriais do império à oeste. As expansões promovidas pelo Império Chinês fizeram com que o império até mesmo entrasse em conflito com os Dayuan, um reino na região do vale de Fergana à nordeste da Bactria, que fazia parte do reino Greco-Báctrio até o período das migrações nomádicas dos Sakas e dos Grande Yuezhi para a região, e a subsequente desestruturação do reino Greco-Báctrio. Dayuan ficou reconhecida pelos chineses como uma região com cavalos de uma qualidade extraordinária, e o conflito dos chineses com os Dayuan acabou sendo justamente por esses cavalos, de forma a dar uma vantagem maior aos chineses em seus conflitos contra os Xiongnu (LIU, 2010, p. 9 e 17-18; BARISITZ, 2017, p. 32-33; HANSEN, 2012, p. 14-16; STARK, 2021, p. 88).

Com a conquista de Dayuan pelo Império Chinês nos últimos anos do segundo século A.E.C, o reino de Dayuan se tornou subordinado dos chineses por volta da mesma época que os reinos e cidades-estado da região da Bacia do Tarim, na atual região de Xinjiang na China,

¹⁹ Original em inglês: [...] Zhang went through Xiongnu territory on his way to the Yuezhi. The Xiongnu imprisoned Zhang, and it took him about ten years to escape. Nonetheless, he still proceeded to visit the Yuezhi. On his return, sometime around 126 BCE, he gave the emperor the first detailed information the Chinese received about the different peoples of Central Asia. Zhang Qian was extremely surprised to discover that Chinese merchants and trade goods had preceded him to Central Asia. In the markets of Bactria, in modern-day northern Afghanistan, Zhang Qian saw bamboo and cloth manufactured in the Chinese province of Sichuan, several thousand miles away. The Chinese goods must have traveled overland. After Zhang Qian's return, the Han dynasty gradually extended its control into the northwest. By the end of the second century BCE it secured the Gansu corridor and Dunhuang. Each time the Chinese army conquered a new region, it constructed beacon towers at fixed intervals. If a disturbance occurred, the soldiers guarding the beacon tower lit torches to alert the men in the next tower, and so on down the line until the news reached the first garrison that could dispatch troops to the troubled area. In addition to the beacon towers, the Han military also established garrisons in the newly conquered territories.

que começaram a ser administradas logo depois pelo “Protetorado das Regiões Ocidentais”, que foi criado para manter o controle chinês sobre esses múltiplos reinos e cidades-estado presentes nessas regiões, sob a figura de um general que exercia poder absoluto, como um representante do imperador. Esse general governava a partir da cidade de Anxi, que era relativamente próxima a porção oriental do Deserto de Taklamakan. Dessa mesma forma, a Grande Muralha também foi expandida até os limites orientais do Deserto de Taklamakan, no chamado Portão de Jade, perto de Dunhuang, na atual de província de Gansu na China, para facilitar esse acesso da China a esses sistemas de trocas comerciais da Ásia Central, e também expandir esses sistemas até seu próprio território (BARISITZ, 2017, p. 33 e 36; LIU, 2010, p. 9-10).



Figura 5: Extensão territorial aproximada do Império Han da China, por volta do fim do primeiro século E.C..

Fonte: Ian Mladjov. (Disponível em: <<https://sites.google.com/a/umich.edu/imladjov/maps?authuser=0>>.

Acessado em: 20/03/2022)

O Império Xiongnu entrou em um período de declínio durante o primeiro século A.E.C., e na metade do mesmo século um tratado foi feito entre o Império Xiongnu com o Império Chinês, com ambos mantendo práticas diplomáticas. Apesar de esporádicos momentos de conflitos entre os dois grupos nos séculos seguintes, os chineses foram muito eficientes na redução do poder dos Xiongnu, ao mesmo tempo que aumentaram o seu próprio. Conseqüentemente, os Xiongnu nunca recuperaram a influência e poder que detinham durante o terceiro e segundo século A.E.C. (BECKWITH, 2009, p. 87; BARISITZ, 2017, p. 36; LIU, 2010, p. 9).

No final do segundo século A.E.C., por volta de 105 A.E.C., também ocorreu uma “abertura formal” das Rotas da Seda, através do início das relações diplomáticas entre o Império Chinês com o Império Parta, que trocaram delegações e assim “[...] inauguraram o comércio oficial bilateral ao longo das rotas de caravana que os ligavam [...]”²⁰(BARISITZ, 2017, p. 33). Essas rotas também começaram a passar pelos territórios da Bactria, que nessa época era ocupada pelos Grande Yuezhi, que posteriormente formariam o Império Kushan, e pelos territórios da Bacia do Tarim, que nessa época começava a ser controlada pelo Império Chinês. O período após essa abertura foi o de um crescimento das práticas comerciais ao longo das regiões que incluíam essas rotas, além de uma aproximação mais específica dentre os métodos monetários dessas regiões, a fim de maximizar a rentabilidade desse comércio internacional. O primeiro século E.C., sendo o século da formação do Império Kushan, como já descrito anteriormente, foi um período de prosperidade promovido pela estabilidade do Império Kushan. Com esse império sendo o intermediário na Ásia Central entre essas rotas e os contatos culturais consequentes delas, e também com a relativa segurança oferecida pelas rotas criadas pelo Império Chinês após a Bacia do Tarim, ao longo da Grande Muralha até a região central de seu império, esse período foi um momento de grande crescimento comercial nas Rotas da Seda, mesmo com esporádicos momentos de conflitos entre os povos que participavam das rotas (BARISITZ, 2017, p. 33-36 e 41; HANSEN, 2012, p. 32; LIU, 2010, p. 9-11).

Ao longo das regiões ocidentais que reconhecidamente também participaram desses sistemas de trocas comerciais, como o Império Romano, a sua inclusão nessas rotas tinha sido limitada, num primeiro momento, devido aos constantes conflitos do mesmo com o Império Parta, que bloqueava o seu contato, pelo menos por terra, com as regiões orientais (BARISITZ, 2017, p. 36).

As relações entre os impérios Parta e Romano, os quais ambos tinham expandido, se tornado vizinhos, e começado a disputar territórios no Leste Mediterrâneo e no Oriente Próximo, se tornaram cada vez mais belicosas. Os dois impérios lutaram guerras intermitentes porém inconclusivas através de alguns séculos. Em ocasiões repetidas, as hostilidades poderiam ser trazidas a uma pausa temporária, e.g., através da intervenção militar do primeiro imperador Romano Augusto (27-14 B.C.E). Graças a paz com a Pérsia que ele concluiu com sucesso, a Pax Augusta, a porção ocidental das Rotas da Seda, se tornaram seguras, também. Então, uma vez que ligações estáveis e funcionais foram finalmente estabelecidas através da Eurásia, o comércio nas Rotas da Seda que ia de Chang’an (a capital chinesa Han), através dos oásis do Tarim, o Império Kushan, Partia, Mesopotâmia para o Leste Mediterrâneo e a Europa, realmente começou a ascender no decorrer do primeiro século A.E.C [...].²¹ (BARISITZ, 2017, p. 36-37, tradução nossa)

²⁰ Original em inglês: [...] inaugurated official bilateral trade along the caravan route that linked them [...].

²¹ Original em inglês: Relations between the Parthian and the Roman empires, which had both expanded, become neighbors, and started to dispute territories in the Eastern Mediterranean and the Near East, grew

CAPÍTULO 2: CONTATOS CULTURAIS, IDENTIDADE ÉTNICA E A ARTE NAS ROTAS DA SEDA

2.1: INFLUÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E A IDENTIDADE ÉTNICA GREGA NA ÁSIA CENTRAL

O conceito de “contatos culturais” carrega em si uma discussão a respeito da influência e importância dos contatos entre diferentes povos e civilizações. Segundo Jerry H. Bentley, enquanto o estudo sobre contatos culturais ao longo do período moderno já é rigorosamente pesquisado a partir da realidade dos processos de colonização e conquista iniciados nesse período pelos povos europeus, o mesmo não se aplica para períodos anteriores, principalmente a questões que não envolviam diretamente as civilizações europeias (BENTLEY, 1993, p. 2-4). Dessa forma, Bentley procura explorar o conceito de contatos culturais como uma realidade constante da história humana, e das realidades que se desenvolveram a partir desses processos. Relações competitivas entre diferentes tradições dentro desse processo de contatos culturais com múltiplos povos também, segundo o autor, podem refletir um conceito problemático de “sobreposição” e de “conversões” culturais de povos em expansão sobre grupos estrangeiros, mais desconexos a essa realidade cultural de um grupo específico. Assim sendo, esses tipos de influências culturais eram dependentes de incentivos políticos, sociais e econômicos muito fortes, como vantagens comerciais, ou favorecimentos políticos de um estado para certas tradições. Porém, mesmo esses incentivos não influenciariam grupos estrangeiros a adotar aspectos culturais em uma escala significativa sem que ocorresse o que Bentley descreve como um processo de sincretismo cultural, como um “acordo” ou uma forma de mediação entre as culturas desses diferentes grupos envolvidos, para que essas tradições diferentes pudessem se estabelecer nesses contextos diferenciados. Esses processos de sincretismo são vistos como essenciais para esses contatos culturais, e a sua permanência e desenvolvimento nesses contextos (BENTLEY, 1993, p. 4-18).

No caso específico das Rotas da Seda, Bentley aponta sobre como os impérios que participavam desses sistemas intercontinentais promoveram contatos entre suas sociedades com populações estrangeiras a partir de duas formas principais. Uma delas seria a

increasingly bellicose. The two empires fought intermittent but finally inconclusive wars over a couple of centuries. On repeated occasions, the hostilities could be brought to a temporary halt, e.g., through the diplomatic intervention of the first Roman emperor Augustus (27–14 BCE). Thanks to the peace with Persia that he successfully concluded, the Pax Augusta, the western end of the SR, became secure, too. So, once reliable and functioning links were finally established across Eurasia, trade on the SR from Chang’an (the Han Chinese capital), via the Tarim oases, the Kushan Empire, Parthia, Mesopotamia to the Eastern Mediterranean and Europe, actually started to take off in the course of the first century BCE (Shukow et al. 1956/ 62, Band 2, 458) (Map 2.4).

acessibilidade promovida pelos impérios para o desenvolvimento dessas rotas de longa distância que denominamos de Rotas da Seda, com esses impérios servindo como “âncoras” para a estabilização e segurança desses sistemas de troca e comércio, que necessariamente também resultariam em contatos entre todos os grupos envolvidos. A outra forma seria as práticas expansionistas promovidas por esses impérios, que também resultariam em contatos diretos com sociedades estrangeiras, e onde mesmo esses contatos feitos sob contextos nada amigáveis, ainda assim poderiam promover trocas significativas entre seus participantes, segundo a perspectiva de Bentley (1993, p. 38).

Bentley e Beckwith compartilham a percepção de que essas redes de contato e de trocas ocorridas no contexto das Rotas da Seda foram possibilitadas, em grande parte, pelas relações entre os povos sedentarizados e os povos nômades, e o protagonismo dos nômades nos processos de mediação dessas redes, pela posição central que as populações nômadas possuíam dentro delas (BENTLEY, 1993, p. 38; BECKWITH, 2009, p. 76-79). Como explorado no capítulo anterior, populações nômadas ao longo da Ásia Central, como os povos citas, e posteriormente os Xiongnu, desempenharam um grande papel no desenvolvimento dessas redes comerciais, e conseqüentemente de contatos culturais ao longo do território euroasiático no período que antecedeu a abertura “formal” das Rotas da Seda, no fim do segundo século A.E.C..

O controle do comércio com povos sedentários poderia prover aos líderes nômades com uma enorme influência econômica e política - o suficiente em alguns casos para os permitir a construir estados capazes de governar povos nômades ao longo de grandes áreas. A estabilidade crescente das regiões entre civilizações sedentárias encorajou o desenvolvimento de relações comerciais, e os povos nômades geralmente serviam como mediadores e carregadores em trocas conduzidas em grandes distâncias. Sem os variados serviços políticos e econômicos dos povos nômades - bárbaros, do ponto de vista dos povos sedentários, agricultores - teria sido impossível para as civilizações antigas sustentarem o comércio de longa distância na proporção realmente vista.²² (BENTLEY, 1993, p. 38, tradução nossa)

Beckwith reforça o argumento de Bentley das influências culturais serem, especificamente no contexto da Ásia Central, processos complexos que dependem de diferentes condições políticas, econômicas e sociais. Salientando os povos e culturas locais como agentes ativos das transmissões culturais e desenvolvimento de sistemas comerciais que ligavam as civilizações asiáticas e européias de sua época, e a conseqüente dependência de tais sistemas comerciais na estabilidade política desses povos locais, as perspectivas tomadas

²² Original em inglês: Control of trade with settled peoples could provide chieftains with enormous economic and political leverage — enough in some cases to enable them to build states capable of governing nomadic peoples over large areas. Increased stability of the regions between settled civilizations encouraged further development of trading relationships, and nomadic peoples themselves generally served as middlemen and carriers in exchanges conducted over long distances. Without the various political and economic services of nomadic peoples — barbarians, from the viewpoint of settled, agricultural peoples — it would have been impossible for ancient civilizations to sustain long-distance trade on the scale actually experienced.

pelo autor se alinham com as de Bentley no sentido de reforçarem a pluralidade dos processos de contatos culturais, principalmente no contexto histórico a ser lido (BECKWITH, 2009, p. 76-77).

Jianhua Yang também reforça essa mesma perspectiva, apresentando o argumento de que as populações nômadas das regiões ao longo da Ásia Central se afirmavam como os grandes “disseminadores” de informação e cultura entre os grupos sedentários em contato com esses povos. Esses povos nômades desempenhavam um grande papel na distribuição de bens comerciais, de conceitos religiosos e na propagação tecnológica que ocorria na extensão dos sistemas de contato existentes ao longo das regiões centrais da Ásia, tanto com povos ao leste, como os chineses, como também outras civilizações existentes no período (YANG, 2020, p. ix-xi). Essa visão, adotada por Beckwith e Yang, abre a possibilidade para uma abordagem sobre os povos da Ásia Central que reflete o papel essencial desses povos para o desenvolvimento dos sistemas de comércio como as “Rotas da Seda”. Dessa forma, o papel que as civilizações ocidentais e orientais desempenharam nas Rotas da Seda poderá assim ser problematizado a partir de uma perspectiva que enalteça essa multitude cultural que formava o centro desses sistemas comerciais.

Outro conceito importante para essa pesquisa seria o da identidade grega no contexto da Ásia Central. Rachel Mairs discorre sobre a afirmação da identidade étnica grega dentro das colônias formadas na Ásia Central, especificamente em territórios como a Bactria. Ela aborda o conceito de etnicidade como “[...] uma identidade construída, predicada sobre o uso altamente seletivo de aspectos culturais para reforçar um pertencimento ao grupo [...]”²³ (MAIRS, 2008, p. 26). E, a partir dessa abordagem, considera que se aprofundar na noção de identidade que os colonos gregos possuíam nessa região, e como essa noção de identidade pode ter se transformado substancialmente com o passar do tempo, é um campo possível de ser trabalhado e discutido, mesmo com o nível limitado de evidências que incorporariam esse tema (MAIRS, 2008, p. 26).

Mairs cita o exemplo da cidade de Ai Khanoum, que pertencia ao reino Greco-Bactrio, e é localizada no atual Afeganistão, onde se percebe que existia um empenho para demonstrar uma identidade grega em certas esferas públicas e cívicas ao longo do período do reino Greco-Bactrio. A língua grega era posta como a língua administrativa e também a língua usada em inscrições feitas em construções públicas, e essa cidade também possuía um teatro e

²³ Original em inglês: [...] as a constructed identity predicated upon the highly selective use of cultural traits to reinforce group membership [...]

um ginásio, esse último sendo a “instituição pública por excelência do mundo grego, que era o foco para atividades culturais e científicas, bem como atléticas” (MAIRS, 2008, p. 28).

Espaços onde as práticas de afirmação da identidade grega não se estabeleceram tão profundamente seriam locais como o templo principal da cidade. Esse templo teria influências mesopotâmicas em sua arquitetura, e seria palco para uma diversidade muito grande de ritos religiosos. “O santuário do templo produziu uma seleção diversa de artefatos, e evidências de uma igualmente diversa extensão de práticas de culto (FRANCFORT, 1984). Essas incluíam oferendas queimadas, libações para a terra e a dedicação de estátuas.”²⁴ (MAIRS, 2008, p. 28). Outra questão seria sobre o uso de nomes de deuses gregos para se referir aos outros deuses presentes na realidade dessa região. Essa questão é abordada por Mairs como uma espécie de “flexibilização” da forma como essas práticas religiosas poderiam ser referidas, da mesma forma que existia uma flexibilização das práticas religiosas em geral, decorrente da diversidade inerente que formava esse templo em Ai Khanoum. Então, com as influências de crenças gregas se mostrando presentes dentro deste templo, possivelmente também decorrente de práticas de sincretização dos deuses nativos da região com os gregos, o fator de interesse realçado por Mairs seria a deliberada posição central desse templo na cidade, e também da ausência de templos estritamente gregos dentro de seus confins. A oposição entre essas dimensões da cidade que procuravam realçar uma identidade grega, com essas práticas vistas no contexto do templo, que realçavam uma realidade culturalmente plural da região como um todo, se desenvolve como um ponto de discussão para a autora (MAIRS, 2008, p. 28-29 e 34-35).

Para um observador de fora ou analista, isso pode parecer ser um comportamento contraditório, até mesmo hipócrita. Apesar disso, isso representa precisamente a disjunção entre características culturais objetivas e identidade étnica percebida mencionada acima. Em Ai Khanoum, existiam lugares nos quais seria importante afirmar uma forte identidade Grega através de uma adesão conspícua à tradições culturais Gregas ou da ênfase de conexões com o mundo grego mais amplo. O material vindo do Templo [...], no entanto, demonstra que esses mesmos indivíduos poderiam se engajar em práticas com origens culturais muito diferentes. O tamanho, status, e localização do templo sugere que essas práticas só poderiam ser praticadas abertamente, sem nenhuma contradição percebida por parte dos agentes com seu comportamento em outros lugares. A evidência de Ai Khanoum, dessa forma, nos permite identificar algumas das características culturais que foram consideradas centrais para a identidade étnica Grega na cidade, e naqueles lugares em que a variedade e alteração da prática não foram consideradas como uma ameaça à identidade étnica individual ou comunal.²⁵ (MAIRS, 2008, p. 29, tradução nossa)

²⁴ Original em inglês: The temple sanctuary yielded a diverse selection of artefacts, and evidence of an equally diverse range of cult practices (Francfort, 1984). These include burned offerings, libations to the earth and the dedication of statues.

²⁵ Original em inglês: To an external observer or analyst, this might appear to be contradictory, even hypocritical behaviour. However, it represents precisely the disjunction between objective cultural characteristics and perceived ethnic identity noted above. At Ai Khanoum, there were places in which it was important to assert a strong Greek identity through conspicuous adherence to Greek cultural traditions or the emphasis of connections

Assim sendo, podemos perceber como o contexto cultural ao qual um grupo está inserido, pode estar ligado às decorrentes variações nas condutas estabelecidas dentro das identidades étnicas específicas a esse grupo. Sendo o vínculo entre práticas culturais com formas específicas de identidade algo mais fluído do que estático, no sentido da necessidade de uma conciliação entre as normas estabelecidas para o pertencimento a uma identidade étnica, e a realidade cultural concreta onde ela se insere (como foi evidenciado pelas atividades do templo em Ai Khanoum), as contradições entre as identidades reforçadas com as práticas culturais existentes seriam solucionadas de uma forma que essas duas posições se harmonizassem. Assim, as duas posições dificilmente iriam se opor de forma hostil, tanto numa perspectiva individual quanto coletiva. A solução para essa questão seria simplesmente “[...] uma questão de racionalização, ou ‘neutralização’ da conduta [...]”²⁶ (MAIRS, 2008, p. 38), tomada por seus agentes. Práticas eram esboçadas para proporcionar um equilíbrio entre a visão de pertencimento a uma identidade étnica, mesmo dentro de um meio social e cultural diverso. Essas práticas, porém, não eram vistas por seus agentes como ações contraditórias (MAIRS, 2008, p. 37-38).

O propósito desse exercício não é para impor normas culturais, mas para regulá-las de uma forma que corresponda com as necessidades práticas de um grupo. Isso ainda poderia sugerir, para um observador externo, um certo grau de contradição ou hipocrisia, mas para os próprios agentes, a construção e reforço de uma identidade étnica os permite superar - ou convenientemente ignorar - essas contradições culturais. Para pessoas que se consideravam Gregas, por exemplo, teria feito diferença que o templo onde eles cultuavam seguisse um plano arquitetônico que nós descrevemos como Mesopotâmico (Mairs, próximo, 2008)? Eu sugeriria que essa contradição aparentemente estilística teria sido de pequena ou nenhuma importância para aqueles seguros em sua própria noção de identidade Grega. Um estrangeiro, é claro, poderia perceber isso diferentemente.

O desenvolvimento e evolução de um sentido de pertencimento étnico Grego entre a comunidade colonial da Bactria e Arachosia Helenísticas e seus descendentes nos leva a revisitar o caso dos Branchidae, uma comunidade de descendência Grega estabelecida no leste, sob o império Persa. As tropas Gregas e Macedônicas de Alexandre, o Grande, acharam na Ásia Central um ambiente hostil, e foram alienados pelas dramáticas diferenças culturais e climáticas de suas terras natais no Leste Mediterrâneo. Os Branchidae ainda se consideravam etnicamente Gregos, mas o exército de Alexandre achou a sua cultura desconhecida e degenerada. Na cultura material das subseqüentes comunidades coloniais Gregas da região, nós começamos a perder esse sentido de contato com o ‘outro’, a partir de como o critério de identidade Grega, e com isso os limites do estrangeiro, são gradualmente e sutilmente redefinidos. É provável que a cultura dos Gregos da Bactria e Arachosia no período helenístico tenham parecido tão estranhas para um visitante

to the wider Greek world. The material from the Temple with Indented Niches, however, demonstrates that these same individuals might engage in practices with very different cultural origins. The size, status and location of the temple suggest that these practices can only have been performed openly, with no perceived contradiction on the part of the agents with their behaviour elsewhere. The evidence from Ai Khanoum therefore allows us to identify some of the cultural characteristics that were considered central to Greek ethnic identity in the city, and those places in which the variety and alteration of practice were not considered to represent a threat to individual or communal ethnic identity.

²⁶ Original em inglês: [...] a matter of rationalization, or ‘neutralization’ of behaviour [...]

contemporâneo do mundo Grego ocidental quanto os Branchidae tinham parecido para seus próprios ancestrais. No entanto, a população da região estava aparentemente satisfeita por cumprirem os critérios de pertencimento étnico grego; suas inscrições mostram que eles foram capazes de racionalizar uma escala de práticas culturalmente muito diversas através de um vocabulário cultural Grego, e que até mesmo indivíduos com nomes Indianos poderiam esbanjar sua educação Grega. A expressão pública da diversidade cultural e linguística da região emergiu só relativamente tarde em sua história, porém é claro que isso representa a culminação de um processo de evolução cultural e étnica muito mais longo.²⁷ (MAIRS, 2008, p. 38-39, tradução nossa)

Dessa forma, podemos perceber como o conceito de “contatos culturais” pode ser visto a partir das experiências gregas dentro do território da Ásia Central, e em suas concessões e transformações que ocorreram sobre a visão de sua identidade étnica quando inseridos nesse contexto cultural diverso. A “flexibilização” dessas normas identitárias e culturais, como podemos ver, não diminuiu o sentimento de pertencimento que as populações gregas sentiam sobre sua identidade grega, e isso também realça como essa tradição helenística no território da Ásia Central pode ter se mantido através dos séculos nessas regiões, até, por exemplo, o período de formação do Império Kushan, como foi explorado no último capítulo.

Também sobre os contatos culturais promovidos pelas Rotas da Seda, Cribb argumenta que o desenvolvimento da chamada de arte “Greco-Budista” de Gandhara, no período do Império Kushan, se alinhava estilisticamente com as produções artísticas feitas durante o mesmo período no Império Romano. Sendo a ascensão do estilo artístico Greco-Budista deslocado temporalmente da existência dos reinos gregos que anteriormente haviam

²⁷ Original em inglês: The purpose of the exercise is not to enforce cultural norms, but to regulate them in a way that responds to a group’s practical needs. This could still suggest, to an external observer, a degree of contradiction or hypocrisy, but for the agents themselves, the construction and reinforcement of an ethnic identity allows them to overcome – or conveniently ignore – these cultural contradictions. For people who considered themselves Greek, for example, would it have mattered that the temple at which they worshiped followed an architectural plan we describe as Mesopotamian (Mairs, forthcoming, 2008)? I would suggest that this apparent stylistic contradiction would have been of little or no import to those secure in their notion of their own Greek identity. An outsider, of course, might have perceived this differently.

The development and evolution of a sense of Greek ethnic belonging among the settler community of Hellenistic Bactria and Arachosia and their descendents leads us to revisit the case of the Branchidae, the community of Greek descent settled in the east under the Persian empire. Alexander the Great’s Greek and Macedonian troops found Central Asia a hostile environment, and were alienated by its dramatic cultural and climatic differences from their homelands in the eastern Mediterranean. The Branchidae still considered themselves ethnically Greek, but the army of Alexander found their culture unfamiliar and degenerate. In the material culture of the subsequent Greek settler communities of the region, we begin to lose this sense of stark encounter with the ‘other’, as the criteria of Greek identity, and with this the bounds of the alien, are gradually and subtly reset. It is probable that the culture of the Hellenistic-period Greeks of Bactria and Arachosia would have seemed as foreign to a contemporary visitor from the western Greek world as the Branchidae had seemed to their own ancestors. Yet the population of the region were apparently satisfied that they fulfilled the criteria of Greek ethnic belonging; their inscriptions show that they were able to rationalize a culturally diverse range of practices through a Greek cultural vocabulary, and that even individuals with Indian names might vaunt their Greek education. Public expression of the region’s cultural and linguistic diversity emerged only relatively late in its history, yet it is clear that this represents the culmination of a much longer process of cultural and ethnic evolution.

governado essa região, a possibilidade de que a formação desse estilo artístico fosse inspirado por importações romanas à região é uma das possíveis perspectivas a serem consideradas, mesmo que as evidências de contatos ou de importações e exportações entre o Império Romano e o Império Kushan ainda sejam bem limitadas. A constatação de uma inspiração romana, porém, não menospreza a tradição helenística existente dentro do Império Kushan. Muito pelo contrário, ela depende da sua existência para se afirmar. Morris ressalta que podemos considerar essa demanda ou inspiração que a realidade artística do Império Kushan teve pelo estilo e peças romanas não como uma forma de reprodução dos estilos romanos existentes, mas como uma associação que a sociedade de Kushan fez entre essa tradição helenística que era presente dentro de sua própria região, com a que estava sendo produzida pelos romanos de forma contemporânea a sua realidade (CRIBB, 2021, p. 669-670 e 675-677; MORRIS, 2021, p. 583-584 e 586-590).

Uma base conceitual, então, que se foque nos contatos e influências culturais da região da Ásia Central e arredores, a partir das múltiplas perspectivas abordadas, pode nos ajudar no aprofundamento do tema proposto sem que possamos perpetuar as problemáticas abordadas anteriormente, e também trazer novas formas de análise sobre esse tópico das Rotas da Seda e de suas produções num meio cultural. A desconsideração dos povos locais, que desempenharam um papel essencial no desenvolvimento das regiões e rotas centrais do território asiático, e a insistência em tratar os contatos culturais entre todos esses grupos como uma imposição de uma cultura sobre as outras, ao invés de entendê-los como um diálogo entre diversos grupos que depende dos contextos políticos, sociais e econômicos da região tomada como objeto deste estudo, refletem bem a perspectiva que procuramos adotar.

2.2: A ARTE NAS ROTAS DA SEDA

Segundo a seleção de artefatos para o aprofundamento das temáticas deste trabalho, o uso das descrições iconográficas e interpretações iconológicas segundo a perspectiva de Panofsky será uma das utilizadas na pesquisa. Segundo o autor, a análise da arte pode se dividir em três etapas: a descrição pré-iconográfica, a análise iconográfica e a interpretação iconológica (PANOFSKY, 1991, p. 55). A descrição pré-iconográfica de um objeto seria a identificação dos aspectos evidentes presentes nela, como cores, padrões, representações de figuras de origem natural como paisagens, plantas, minerais, animais e humanos. As relações entre esses aspectos destacados e a expressividade que a obra como um todo, ou aspectos específicos, acabam por transmitir refletem essa primeira etapa de análise (PANOFSKY, 1991, p. 50). A segunda etapa já engloba as descrições evidentes com abstrações e conceitos sobre essas descrições. Como Panofsky descreve:

[...] ligamos os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições) com assuntos e conceitos. Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens, sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam de *invenzioni*; nós costumamos dar-lhes o nome de estórias e alegorias. A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por “iconografia”. (PANOFSKY, 1991, p. 50-51)

Dessa forma, a segunda etapa depende inteiramente da exatidão das descrições evidentes expostas ao longo da descrição pré-iconográfica. A terceira e última etapa, a interpretação iconológica, se diferencia das etapas anteriores primeiramente pela definição de iconologia empregada por Panofsky se diferenciar da iconografia de forma significativa. Enquanto a iconografia reflete uma análise mais descritiva dos objetos, assim criando uma base para novas interpretações, ela não se vincula a essa realização própria das interpretações. A iconologia, portanto, toma esse papel. A análise interpretativa dos chamados valores simbólicos, definidos como todas as categorias de classificação e descrição tomadas nas duas etapas anteriores, pode ser usada para interpretar esses objetos a partir do conhecimento e a consideração de como os valores simbólicos podem ser compreendidos dentro um contexto específico, como um reflexo da cultura ou sociedade a qual a obra está vinculada (PANOFSKY, 1991, p. 50-55).

Essa argumentação pode ser aprofundada segundo a perspectiva de que os artefatos e seus aspectos descritivos devem ser interpretados, ao mesmo tempo, tanto como fontes históricas quanto também analisadas e consideradas a partir de seu próprio contexto histórico (GINZBURG, 1989, p. 56-57). Dessa forma, podemos pensar no vínculo entre a conceituação de contatos culturais e identidade étnica segundo os argumentos expostos anteriormente por Bentley, Beckwith, Yang, Mairs, Cribb e Morris com as considerações expostas por Ginzburg e Panofsky, no sentido de considerarem uma interpretação iconológica que vincula os artefatos e seus valores simbólicos dentro de seu contexto cultural original, permitindo assim uma consideração sobre os objetos que favoreça tanto o seu próprio estudo quanto a da realidade onde tais objetos se originaram.

Os artefatos selecionados para a pesquisa compartilham, em sua maioria, a sua região de descoberta na província de Xinjiang, na China, que incorpora as regiões da Bacia do Tarim e da Jungharia em sua extensão. As regiões da Bacia do Tarim e da Jungharia, como já foi elaborado durante o capítulo anterior, formavam os pontos de conexão do Império Chinês e do Império Xiongnu com as populações centralizadas na região da Ásia Central, e, conseqüentemente, das Rotas da Seda como um todo. A região de Xinjiang tem o diferencial dentro dos pontos ao longo das Rotas da Seda de ser uma região de achados arqueológicos muito bem conservados, devido ao clima árido presente na região, onde até tecidos na forma

de tapeçarias ou vestuários se mantiveram em condições excelentes. Os artefatos são de um recorte temporal bem amplo, centralizado ao longo dessa primeira “abertura formal” das Rotas da Seda pela dinastia Han do Império Chinês, no final do segundo século A.E.C. até a sua gradual desestruturação a partir do terceiro século E.C., com alguns dos artefatos, porém, extrapolando esse recorte, tanto anteriormente quanto posteriormente.

CAPÍTULO 3: ARTEFATOS E INTERPRETAÇÕES ICONOLÓGICAS

3.1 O HOMEM DE YINGPAN



Figuras 6 e 7: Homem de Yingpan, parte 1 e 2. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang. 2002. p. 320-321.



Figura 8: Homem de Yingpan, parte 4. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang. 2002. p. 323.

O Homem de Yingpan é datado entre 206 A.E.C. e 420 E.C.. Ele foi encontrado em uma escavação em 1995, na denominada de Tumba 15, em Yingpan, Weili. Essa figura pertence ao acervo do *Instituto de Arqueologia de Xinjiang* (NATIONAL MUSEUM OF CHINESE HISTORY, 2002, p. 320).

3.1.1 Descrição pré-iconográfica:

Acima, duas figuras antropomórficas masculinas espelhadas no sentido esquerda/direita, com a figura da esquerda com o corpo inclinado à direita, com a perna esquerda quase dobrada e com a perna direita estendida para a direção esquerda. O olhar e o rosto da figura se voltam para a direção esquerda e superior, com o braço esquerdo, à nível da cintura da figura, brandindo uma lança que se direciona no mesmo sentido que seu olhar, à frente do corpo. O braço direito se ergue acima do nível da cabeça, que se direciona à esquerda, e porta um escudo, também direcionado ao sentido de seu olhar. As duas figuras estão nuas, são imberbes e têm cabelos curtos. Árvore com dois galhos principais, um virado para a esquerda e outro para a direita. Os galhos possuem diversas folhas, frutas ou flores.

Abaixo, duas figuras antropomórficas masculinas espelhadas no sentido esquerda/direita, com a figura esquerda com o corpo virado para à direita, com a perna esquerda levemente a sua frente, à direita, e fixa ao chão; e a perna direita estendida para trás, à esquerda. A figura tem o olhar direcionado para a direção direita e inferior, com o braço direito estendido à frente do corpo, seguindo a direção de seu olhar; e o seu braço esquerdo, erguido acima da cabeça, brandindo uma lança, que também segue a direção de seu olhar, fica em posição de atacar ou arremessar. As duas figuras estão nuas, são imberbes e têm cabelos curtos. Duas árvores com dois galhos principais, um virado para a esquerda e outro para a direita. Os galhos possuem diversas folhas, frutas ou flores.

Abaixo, duas figuras zoomórficas bovinas espelhadas no sentido esquerda/direita. A figura da esquerda tem o corpo direcionado para a direita, com ambas as patas dianteiras levantadas. A figura olha para trás, com a cabeça direcionada para a esquerda, e possui uma espécie de coroa de louros ou uma guirlanda na região do tronco. Árvore com dois galhos principais, um virado para a esquerda e outro para a direita. Os galhos possuem diversas folhas, frutas ou flores.

Duas figuras antropomórficas masculinas espelhadas no sentido esquerda/direita, com a figura esquerda com o corpo levemente inclinado à esquerda, com a perna direita, à esquerda, bem fixa ao chão, e a perna esquerda estendida para frente, à direita da figura. A figura também mantém o braço esquerdo estendido à sua frente, à direita, brandindo uma

espada, que é posicionada verticalmente. O braço direito se ergue acima da cabeça, portando um escudo, posicionado horizontalmente e cobrindo a cabeça da figura. As duas figuras são imberbes, têm cabelos curtos e estão nuas, fora o uso de uma espécie de capa ou manto, que pode ser visto na região do pescoço das figuras, e surgindo por trás das figuras, seguindo até o nível de suas cinturas. Duas árvores com dois galhos principais, um virado para a esquerda e outro para a direita. Os galhos possuem diversas folhas e frutas ou flores.

Duas figuras antropomórficas masculinas espelhadas no sentido esquerda/direita, com a figura esquerda com o corpo levemente inclinado à direita, com a perna esquerda, à direita, bem fixa ao chão, e a perna direita estendida para frente, à esquerda da figura. A figura também mantém o braço direito estendido à sua frente, à esquerda, mantendo a sua mão no mesmo nível que a sua cintura. O braço esquerdo se ergue acima da cabeça, brandindo uma espécie de lança, posicionada diagonalmente com a ponta direcionado para baixo, e no mesmo nível que o rosto da figura. As duas figuras são imberbes, têm cabelos curtos e estão nuas, fora o uso de uma espécie de capa ou manto, que cobre quase toda a extensão do braço que não carrega a lança e também parte do tronco, com essa peça de vestuário também surgindo por trás das figuras, seguindo até o nível de suas cinturas. Árvore com dois galhos principais, um virado para a esquerda e outro para a direita. Os galhos possuem diversas folhas e frutas ou flores.

Duas figuras zoomórficas capríneas espelhadas no sentido esquerda/direita. A figura da esquerda tem o corpo direcionado para a esquerda, com ambas as patas dianteiras levantadas. A figura olha para trás, com a cabeça direcionada para a direita. As figuras como um todo seguem um padrão de duplas idênticas espelhadas organizadas horizontalmente, que se repetem seguindo uma espécie de “coluna” horizontal por um número indeterminado de vezes, e que verticalmente se diferenciam com outros estilos de duplas que repetem o mesmo processo, sendo figuras antropomórficas, zoomórficas ou árvores como parte dessas divisões. As figuras todas seguem uma coloração dourada, postas sobre um fundo vermelho, fazendo parte de uma túnica que segue essa mesma coloração por inteiro.

3.1.2 Análise iconográfica:

A túnica como um todo reflete um estilo de túnica produzido no período e território do Império Kushan (YATSENKO, 2012, p. 46). As representações são padronizadas em duplas ou individualmente, com as representações em duplas sendo espelhadas, isto é, sendo idênticas em características e posição, porém opostas direcionalmente, e com tanto às representações em duplas ou individuais se repetindo numa faixa horizontal inúmeras vezes. A maior parte das representações são figuras de guerreiros em menção de combate, trajando

diferentes armamentos e em diferentes posições de batalha, com alguns em aparente posição de recuo, e outros de ataque. Sendo os guerreiros imberbes, demonstram sua aparente juventude (HURWIT, 2007, p. 48). As capas ou mantos em uso por alguns dos guerreiros provavelmente são clâmides, que “acabam enfatizando sua nudez”, dessa forma reforçando a deliberada exposição dos corpos nus dos guerreiros (PALAGIA, 2000, p. 185-186; HURWIT, 2007 p. 47). As árvores representadas se assemelham muito com romãzeiras, e agem como uma espécie de linha de divisão entre todas as faixas horizontais de todos os outros tipos de figura. Segundo Robert A. Jones, as representações dessas romãzeiras seriam possivelmente de origem persa, e as representações de animais na túnica, sendo eles o touro e o bode, seriam derivados das artes com representações animais que já existiam na região da Ásia Central (JONES, 2009, 28-29).

3.1.3 Interpretação iconológica:

Como já salientado por autores como Robert A. Jones, uma das posições tomadas por um dos grupos de guerreiros na túnica se assemelha muito com um mosaico do fim do quarto século A.E.C., encontrado na chamada de “Casa do Dionísio”, em Pella. Esse mosaico apresenta uma cena de caça, provavelmente representando uma caçada empreendida por Alexandre, o Grande. As figuras na túnica que especificamente mais se assemelham com as desse mosaico são as dos guerreiros trajando um clâmide e brandindo uma lança, que se assemelham com a figura no mosaico que provavelmente representa o próprio Alexandre. Os dois caçadores presentes no mosaico também compartilham a caracterização imberbe presente em todos os guerreiros representados na túnica, que como já exposto, em conjunto com o uso do clâmide, e a nudez das figuras, podem todas serem formas de representação da juventude das figuras expostas (LEE, 2015, p. 40; PALAGIA, 2000, p. 185-186; JONES, 2009, p. 28-29; HURWIT, 2007, p. 47-48 e 53).

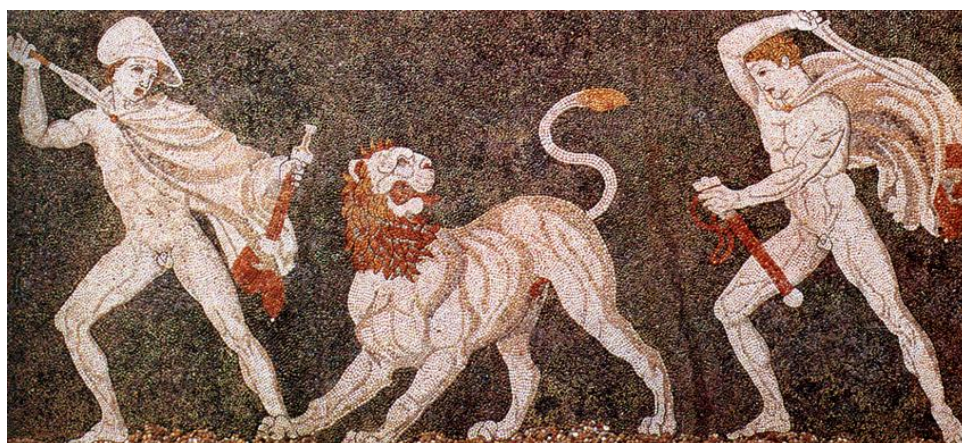
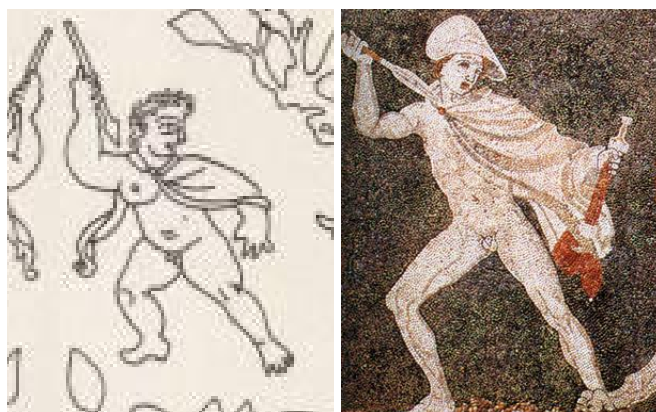


Figura 9: Mosaico em Pella, do fim do quarto século A.E.C., mostrando dois macedônios caçando um leão.

Fonte: Pella Archaeological Museum. (Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lion_hunt_mosaic_from_Pella.jpg>. Acessado em: 10/04/2022)



Figuras 10 e 11: Recorte do Homem de Yingpan, parte 4. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang. 2002. p. 323.

Recorte do mosaico em Pella, do fim do quarto século A.E.C., mostrando dois macedônios caçando um leão. Fonte: Pella Archaeological Museum. (Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lion_hunt_mosaic_from_Pella.jpg>. Acessado em: 10/04/2022)

A nudez presente tanto em todas as figuras da túnica quanto do mosaico também podem ser significadas como uma representação do chamada de “nu heroico”, que seria uma forma artística de demonstrar uma figura poderosa e exemplar dentro do imaginário grego (HURWIT, 2007, p. 46-47).

O princípio básico da nudez heróica na arte Grega pode em qualquer caso ser declarado quase silogisticamente: deuses e heróis são normalmente representados nus, e mortais que desejam ser classificados entre os heróis e aqueles que foram de fato heroicizados (e.g., guerreiros que caíram em batalha) devem estar nus, também. Dessa forma, nus masculinos (particularmente aqueles envolvidos ou que já estão entrar em combate) são heróicos. Implicitamente, então, existem dois tipos de nudez heróica. Existe, primeiro, o tipo que heróis mitológicos como Hércules ou Teseu “vestem” porque eles são realmente heróis mitológicos - nudez é seu atributo. Existe, em segundo, o tipo de nudez que mortais vestem para imitar heróis específicos ou alegar um status heróico generalizado. Em qualquer caso, nudez é pensada como heróica porque ela revela o corpo ideal, jovem, poderoso como fonte de beleza e areté, que heróis possuem. E é heróico porque para entrar em competição ou combate completamente exposto, e, conseqüentemente, completamente vulnerável (ou quase completamente vulnerável, já que muitos guerreiros estão equipados com escudos, elmos, e capas que, voando sobre seus corpos, acabam enfatizando sua nudez) é para demonstrar um tipo especial de energia e bravura transcendente; o sucesso depende dos poderes físicos e areté de um indivíduo, ao

invés de fatores externos como armas ou armaduras.²⁸ (HURWIT, 2007, p. 46-47, tradução nossa)

A definição do nu heróico, como o próprio Hurwit discorre, acaba não descrevendo todos os contextos possíveis nos quais representações de figuras nuas poderiam se apresentar dentro da arte grega. A nudez poderia ser uma forma de representar juventude, como já exposto acima, de reforçar a posição subalterna de uma figura dentro de sua sociedade, de expor a vulnerabilidade ou derrota de uma figura, ou até mesmo simplesmente como forma de diferenciação de múltiplas figuras dentro de uma obra (HURWIT, 2007, p. 52-57).

Dessa forma, o nu heroico se mantém como uma entre diversas possibilidades para a nudez masculina ser representada na arte grega. O nu heroico e a nudez como representação da juventude, porém, se destacam como as duas possibilidades que mais se encaixam nas representações dos guerreiros presentes na túnica. A nudez heróica, pelas posições de combate, de avanço ou recuo, em que os guerreiros são representados, e a nudez da juventude, pela condição imberbe de todos os guerreiros, e o uso do clâmide, outro possível indicador de juventude, por alguns deles.

Outro fator sobre a representação dos guerreiros vale ser abordado. Diversos autores, como Jones, Sheng, Mair, Wang, Barber, e Hansen, que descrevem e analisam as imagens presentes na túnica, se referem aos guerreiros como “putti” ou “cherubim”, provavelmente considerando as proporções mais compactas que os corpos dos guerreiros dispõe como uma característica que os enquadra na definição desses deuses de aparência infantilizada, mais conhecidos dentro da tradição grega como *Erotes* (HALL, 1995, p. 136). No contexto grego, os Erotes eram retratados ocasionalmente como “elementos decorativos” em representações artísticas, participando de obras de contexto dionisíaco ou até mesmo em representações de caçada como os próprios caçadores, o que comparativamente se alinharia com as representações presentes na túnica. Eles também se mostravam como elementos decorativos em sarcófagos romanos, o que reforça o argumento da túnica ter sido produzida para o uso do Homem de Yingpan em sua sepultura, ao mesmo tempo que também reforça essa

²⁸ Original em inglês: The basic principle of heroic nudity in Greek art can in any case be stated almost syllogistically: gods and heroes are regularly shown nude, and mortals who wish to be ranked among heroes and those who are in fact heroized (e.g., warriors who have fallen in battle) should be nude, too. Therefore, nude males (particularly those engaged in or about to enter combat) are heroic. Implicitly, then, there are two kinds of heroic nudity. There is, first, the kind that mythological heroes such as Herakles or Theseus "wear" because they really are mythological heroes - nudity is their attribute. There is, second, the kind of nudity mortals wear to mimic specific heroes or claim generalized heroic status. In either case, nudity is thought heroic because it reveals the ideal, youthful, powerful hard body as the source of beauty and arete, which heroes possess. And it is heroic because to enter competition or combat fully exposed and thus completely vulnerable (or almost completely vulnerable, since many otherwise nude warriors are equipped with shields, helmets, and cloaks that, by flying off their bodies, only emphasize their nakedness) is to display a special kind of energy and transcendent fearlessness; success depends on one's physical powers and arete rather than on external factors such as weapons or armor.

caracterização dos guerreiros na túnica como Eroles. Esse fator, porém, seria uma possibilidade somente se a realidade cultural onde o Homem de Yingpan estava inserido abordasse a representação de Eroles como decorações funerárias de forma similar aos romanos, e também transformasse esse tipo de decoração como algo viável e adequado a ser representado num vestuário de um defunto, o que o diferenciaria nesse sentido em seu uso feito pelos romanos, mesmo que a abordagem geral fosse parecida (ZHANG, 2019, p. 58; JONES, 2009, p. 28-29; SHENG, 2010, p. 39-40; MAIR, 2016, p. 27; WANG, 2022, p. 12; BARBER, 2014, p. 38; HANSEN, 2012, p. 40-41; LEE, 2015, p. 166; AURENHAMMER, 2018, p. 163-165).

Alguns dos aspectos presentes nos guerreiros na túnica se opõem a caracterizações mais comuns dos Eroles na arte grega. A ausência de asas, característica mais reconhecível dos Eroles em geral, bem como a aparência de uma musculatura bem desenvolvida, um ponto discordante da aparência infantil costumeira na caracterização dos Eroles, podem servir como pontos de discussão desse tema. Pontos já abordados também, como o uso da nudez para caracterizações que procuram representar a juventude e/ou a heroicidade de homens ou deuses, como também o uso do clâmide por algumas das figuras da túnica, que como já visto pode ser um indicador de juventude, porém de uma juventude mais ligada à jovens adultos do que a de crianças pequenas – os quais a representação dos Eroles normalmente se espelha – são todos fatores dessa discussão que mostram que a caracterização dos guerreiros não é tão simples quanto essa perspectiva trazida por esses inúmeros autores se faria pensar (HALL, 1995, p. 136; LEE, 2015, p. 40; HURWIT, 2007, p. 46-47 e 53).

As romãzeiras, que agem como divisores entre os outros tipos de figuras ao longo da túnica, se mantêm como um símbolo de fertilidade e abundância que é compartilhado por povos desde a região mediterrânica até a China, com os povos do Oriente Próximo e da Índia também incluídos. Na mitologia grega, as romãs estão ligadas ao mito do rapto de Perséfone por Hades, que por se alimentar das sementes de uma romãzeira enquanto estava no Submundo, acabou sendo condenada a passar quatro meses de todos os anos lá, o que formou o período cíclico de fertilidade e morte na natureza através das estações do ano (HALL, 1995, p. 155-156; MARCH, 2014, p. 155-156).

A representação do touro ou boi na figura, com a coroa de louros ou guirlanda em sua região do tronco, é apresentada por Sheng como uma possível representação de que o mesmo seria sacrificado. Essa constatação provavelmente é feita considerando a prática de *bucrânio*, que eram ornamentos decorativos que representavam crânios de gado que haviam sido sacrificados, com esses crânios podendo possuir guirlandas em sua decoração. Dessa forma,

essa constatação feita por Sheng é uma possibilidade a ser considerada, porém a diferenciação entre como essa prática é normalmente realizada, com somente a presença da cabeça do gado como ornamento, com a observada na túnica, que detêm a figura do gado com seu corpo por inteiro, é uma oposição que ainda precisa ser aprofundada para credibilizar essa perspectiva (BRITANNICA, 2018; SHENG, 2010, p. 40).

Além da túnica e de suas representações, outros objetos ou vestuários presentes na sepultura do Homem de Yingpan podem realçar muitas considerações sobre como uma diversidade cultural está aparente nessa sepultura, e o que essa diversidade cultural pode nos demonstrar. Nas práticas funerárias feitas para o sepultamento do Homem de Yingpan, por exemplo, é aparente a similaridade das técnicas tomadas para o sepultamento do corpo com as estipulações estabelecidas para realizar um sepultamento segundo a tradição confuciana, a respeito de cobrir o rosto, enterrar o corpo completamente vestido, cobrir o corpo por inteiro em um manto de seda, entre muitas outras características mais específicas. Além disso, crenças espirituais chinesas também são possivelmente evidenciadas em alguns dos outros objetos da sepultura. Padrões ou estilos decorativos no próprio caixão são vistos como possíveis símbolos que remetem ao uso de jade nos processos de sepultamento no período da Dinastia Han, principalmente pela nobreza (WANG, 2022, p. 10). Assim o “padrão no caixão do Homem de Yingpan carrega o significado simbólico de preservar o corpo eternamente para que assim sua alma e espírito alcancem os céus” (WANG, 2022, p. 10).

Um brocado encontrado junto com o Homem de Yingpan também demonstra uma influência chinesa, apresentando dois tipos de logogramas chineses que vão se repetindo por sua extensão, que provavelmente carregavam significados que remetiam a desejos de saúde que o Homem de Yingpan possuía enquanto vivo. Um travesseiro também presente na sepultura possui as figuras de algumas criaturas mitológicas chinesas, como o Tigre Branco do oeste, o Dragão Azul do leste, a Tartaruga Negra do norte e o Pássaro Vermelho do sul, que compunham as quatro criaturas que são representados como os guardiões dos quatro pontos cardeais segundo a tradição chinesa, porém com essa representação no travesseiro substituindo a Tartaruga Negra do norte por um grifo, o que pode também demonstrar uma modificação que ocorreu devido a esses contatos proporcionados pelas Rotas da Seda (WANG, 2022, p. 9-12).

Como já observado durante a análise iconográfica, Yatsenko discorre sobre o estilo da túnica do Homem de Yingpan se assemelhar com o estilo de túnicas usadas pelos membros do Império Kushan, que existiu desde o primeiro século E.C. até o quatro século E.C.. Testes de datação da sepultura marcam uma datação do terceiro ao quarto século E.C., formando assim

uma interpolação temporal entre essas duas abordagens (WANG, 2022, p. 4). Porém, de forma geral, essa questão sobre as origens do Homem de Yingpan ainda é muito complexa, não possuindo nenhuma perspectiva amplamente aceita sobre o assunto. Assim sendo, podemos explorar algumas dessas perspectivas.

A opulência e boa qualidade dos objetos enterrados com o Homem de Yingpan indicam que ele deveria ter tido um alto status social antes de sua morte. Dada a importância da cidade de Yingpan, como um centro comercial nas Rotas da Seda, os escavadores que descobriram o Homem de Yingpan sugeriram que ele era um rico mercador do Ocidente. Outros propuseram que o Homem de Yingpan possa ter sido um mercador sogdiano, já que os sogdianos (um povo de língua iraniano cuja terra se estabelecia próxima de Samarcanda, no que hoje é o Uzbequistão) foram os comerciantes mais ricos ao longo das rotas.

Porém, visto a idade relativamente jovem do Homem de Yingpan antes de sua morte (por volta de 30 anos), é improvável que ele tenha adquirido toda sua fortuna e alto status social somente pelo comércio, e possivelmente por herança ou atos militares. O governo da Dinastia Jin²⁹ estabeleceu a organização administrativa do “Xiyu Zhangshi Fu” (significando “Governador Chefe das Regiões Ocidentais”) em Xinjiang na antiguidade, e a cidade capital do “Xiyu Zhangshi Fu” era localizada perto de Lop Nur, e é muito próxima da antiga cidade de Yingpan (por volta de 185 km). Além disso, a comparação do sepultamento do Homem de Yingpan com outros sepultamentos contemporâneos ao seu tempo em Gansu também sugerem que o Homem de Yingpan era possivelmente um oficial militar do governo da China Central. Mais evidências de apoio vem da braçadeira bordada que foi enterrada com o Homem de Yingpan, já que braçadeiras coloridas podem ter sido usadas por soldados, como proteção de forças malignas em Xinjiang na antiguidade. Uma explicação adicional seria que o Homem de Yingpan era um nobre ou até mesmo um rei de um estado próximo chamado de Shan (também conhecido como Moshan), e a antiga cidade de Yingpan foi sugerida como a possível cidade capital deste estado. Uma explicação alternativa é que o Homem de Yingpan fazia parte de uma família nobre local que foi deslocada da Bactria para o sul da Bacia do Tarim depois do desencadeamento de conflitos no Império Kushan no final do segundo século E.C., devido à popularidade das artes de Kushan nessa área durante as Dinastias Han e Jin. A evidência isotópica apresentada aqui [...] indica que durante seus últimos três ou quatro anos de vida, o Homem de Yingpan não era um viajante ou mercador nas Rotas da Seda, pelo menos durante esse período de sua vida. Assim sendo, o Homem de Yingpan aparenta ter sido um morador local, possivelmente um oficial governamental ou da realeza dessa região da Bacia do Tarim, talvez do estado próximo de Shan. Isso pode explicar o porquê ele foi enterrado no cemitério de

²⁹ Uma das dinastias imperiais chinesas, que governou do terceiro ao quinto século da Era Comum.

Yingpan, por se enquadrar como capital desse antigo estado.³⁰(WANG, 2022, p. 12-13, tradução nossa)

Seja qual for a origem da figura do Homem de Yingpan, ele representa, de qualquer forma, um dos exemplos mais extraordinários de contatos culturais que podem ser observados através de representações artísticas dentro do contexto de uma única figura. A análise sobre as influências helenísticas e romanas presentes nas imagens da túnica do Homem de Yingpan se mantém inconclusiva, no sentido de ainda não ser possível determinar se elas provêm de uma transmissão dos estilos de arte romanos, segundo as abordagens propostas por Cribb e Morris, de uma transmissão do estilo de arte romano alavancada pelas heranças culturais helenísticas presentes na realidade da Ásia Central, e da conexão que grupos como os Kushan mantiveram com esse legado cultural; ou também, que as imagens sejam produtos dessa presença cultural helenística que se manteve por séculos na Ásia Central, e das constantes transformações que essa cultura helenística experienciou em seus contatos diversos na Ásia Central e além, como o Homem de Yingpan mesmo expõe, sendo Yingpan, dentro da região de Xinjiang, além dos limites normalmente estipulados para a região da Ásia Central.

³⁰Original em inglês: The opulence and fine quality of the objects buried with Yingpan Man indicate that he must have had a high social status before death. Given the importance of the town of Yingpan as a trading center on the Silk Road, the excavators who discovered Yingpan Man suggested that he was a wealthy merchant from the West. Others have proposed that Yingpan Man might have been a Sogdian merchant since the Sogdians (an Iranian-speaking people whose homeland lay near Samarkand in what is now Uzbekistan) were the richest traders along the route. However, given the relatively young age of Yingpan Man before his death (~30 years old), it is unlikely that he amassed all his fortune and high social status only through trade, and possibly by inheritance or military feats. The government of the Jin Dynasty established the administrative organization of “Xiyu Zhangshi Fu” (meaning “Chief Governor of the Western Regions”) in ancient Xinjiang, and the capital city of “Xiyu Zhangshi Fu” was located nearby Lop Nur and is very close to the ancient city of Yingpan (~185 km away). In addition, comparison of Yingpan Man’s burial to other contemporary burials from Gansu also suggest that Yingpan Man was possibly a military official from the government of Central China. More supporting evidence comes from the embroidered armband that was buried with Yingpan Man as colorful armbands were suggested to be used by soldiers for the protection from evil forces in ancient Xinjiang (Fig. 6). An additional explanation is that Yingpan Man was a noble or even a king of the nearby state named Shan (a.k.a. Moshan), and the ancient city of Yingpan was suggested to be the capital city of this state. An alternative explanation is that Yingpan Man belonged to a local noble family who were displaced from Bactria to the southern Tarim Basin after civil strife in the Kushan Empire at the end of the second century AD, given the popularity of Kushan arts in this area during the Han to Jin Dynasties. The isotopic evidence presented here [...] over the last~3–4 years of life indicates that Yingpan Man was not a Silk Road traveler or merchant, at least during this period of his life. Thus, Yingpan Man appears to have been a local, possibly a governmental official or royal to this region of the Tarim Basin, perhaps from the nearby state of Shan. This might suggest why he was buried in the Yingpan cemetery as it was purported to be the capital of this ancient state.

3.2 A TAPEÇARIA DE SAMPUL



Figuras 12 e 13: Tapeçaria de Sampil completa. Fonte: YATSENKO, Sergey. **Yuezhi on Bactrian Embroidery from Textiles Found at Noyon Uul, Mongolia**. *The Silk Road* 10. 2012. p. 46.

Tapeçaria de Sampil. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang, 2002. p. 130.

A tapeçaria de Sampul é datada de 206 A.E.C. até 220 E.C.. Ela foi encontrada em uma escavação em 1984, na denominada Tumba 1, em Sampul, Lop. Essa tapeçaria pertence ao *Museu da Região Autônoma Uigur de Xinjiang* (NATIONAL MUSEUM OF CHINESE HISTORY, 2002, p. 130).

3.2.1 Descrição pré-iconográfica:

Figura zoo-antropomórfica equina, direcionada para a esquerda com as patas dianteiras completamente levantadas. A figura possui cabelo curto e veste uma capa que voa para trás, e também segura um trompete com as duas mãos, o qual está em sua boca. A metade inferior da figura possui uma coloração vermelha ou marrom, e a capa aparentemente possui duas cores: uma tonalidade de roxo na parte exterior da capa, que vai desde o pescoço da figura até a metade da extensão total da capa, e uma tonalidade dourada na parte interior da capa, que fica a mostra na metade inferior da extensão da mesma. A figura está cercada por quatro grupos de três flores idênticas de quatro pétalas cada, com tais pétalas tendo a coloração branca ou avermelhada, e o centro da flor sendo dourado ou amarelo. Cercando essas também se encontram outras flores que alternam entre colorações vermelhas, amarelas ou esverdeadas. O fundo é azul escuro.

Figura antropomórfica masculina, de cabelos longos e escuros, sobrancelhas arqueadas e olhos azuis. A figura está virada para o lado direito, e veste uma túnica vermelha, com bordados ao longo da parte frontal da túnica, com fundo dourado, listras vermelhas e formas semelhantes a pétalas pretas ou azul escuras. Ao longo da manga direita da figura também se percebe um bordado em forma de uma linha, que alterna entre colorações douradas e pretas ou azuis escuras, que percorre verticalmente desde o ombro até o aparente fim da manga, no nível do pulso da figura. Duas linhas de mesmo estilo se conectam com essa linha principal, porém se direcionando de forma horizontal em pontos da manga próximos ao ombro e pulso da figura. Outra linha vertical semelhante a da manga percorre a região lateral direita do tronco da figura, próxima aos bordados na parte frontal. Uma espécie de lança está apoiada ou sendo segurada no lado esquerdo da figura, tomando uma coloração preta e dourada da base da lança até a sua ponta, onde a lâmina tem uma cor azul ou esverdeada. A figura também veste uma faixa dourada na cabeça, e se encontra sobre um fundo vermelho. No nível da cintura, a figura veste um tipo de cinto dourado. O fundo é vermelho.

3.2.2 Análise iconográfica:

Um centauro tocando um trompete, cercado por doze flores que se alinham em um formato losangular ao seu redor. Abaixo, é representada a figura de um guerreiro, afirmação evidenciada pela lança em sua posse. As suas vestimentas, bem como seu estilo de cabelo, são

semelhantes às dos Grande Yuezhi em seu período de controle da Bactria, que antecedeu a formação do Império Kushan. A sua condição imberbe pode ser uma forma de transparecer o guerreiro como um jovem, porém vale ressaltar que em figuras similares o uso de barbas é quase inexistente, com a maioria das figuras portando bigodes em seu lugar. A composição artística do guerreiro lembra vagamente exemplares romanos em mosaicos dos últimos séculos A.E.C., considerando, por exemplo, o uso do sombreamento do rosto para trazer uma noção de profundidade para a sua figura, bem como a expressão que o guerreiro carrega, como apontado por autores como Robert A. Jones (figs. 14-15; JONES, 2009, p. 27; HURWIT, 2007, p. 48; YATSENKO, 2012, p. 41 e 45-46; WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 194-195)

3.2.3 Interpretação iconológica:

Na perspectiva de Jäger, a representação do centauro na Tapeçaria de Sampul, devido ao seu uso de um trompete, o liga com uma tradição mais vinculada ao culto dionisíaco, onde representações de centauros tomam uma forma que se desloca mais de suas imagens que reforçam um aspecto bélico ou agressivo, porém mesmo assim mantendo claro o seu “apreço por vinho, embriaguez e mulheres [...]”³¹(JÄGER, 2017, p. 109), que são características inatas dessas figuras (JÄGER, 2017, p. 108-109).

Representações semelhantes a do centauro na Tapeçaria de Sampul nas regiões de tradição helenística ao longo dos territórios da Ásia Central e Meridional também teriam fornecido as bases para o uso dessas representações nas artes budistas de Gandhara, que adaptaram o uso dessas produções imagéticas dos centauros ao contexto cultural ao qual o budismo fazia parte, o da cultura indiana (JÄGER, 2017, p. 111-112).

Essa conexão nos ajuda a entender o interesse que os Indianos mostraram no centauro Grego, já que eles podiam o conectar ao seu próprio conceito de seres divinos chamados *gandharvas*. Esses *gandharvas* têm o papel de músicos celestiais no Hinduísmo e no Budismo e, da mesma forma que os centauros, também compartilham um certo interesse em vinho, mulheres e em festividades. Mesmo que na maioria das vezes os *gandharvas* Indianos sejam vistos como sendo metade pássaro e metade humanos, alguns também são vistos como metade humanos e metade cavalos [...] De fato, nenhuma das imagens de Gandhara de centauros as quais nós pudemos localizar são bélicas e bestiais, sugerindo que sob os Kushans e a influência do Budismo, eles uniformemente adquiriram um novo papel. A transição dessa percepção começou sob os Gregos, quando os centauros começaram a ser associados com o culto de Dionísio. A partir daí foi somente um pequeno passo para encontrá-los pacificados pelo Buda em Gandhara, onde se tornaram seguidores piedosos do Abençoado.³² (JÄGER, 2017, p. 112-113, tradução nossa)

³¹ Original em inglês: fondness for wine, drunkenness and women [...]

³² Original em inglês: This connection helps us to understand the interest Indians showed in the Greek centaur, since they could connect it to their concept of divine beings they called *gandharvas*. These *gandharvas* play the role of celestial musicians in Hinduism and Buddhism and, like the centaurs, also share a certain interest in wine, women and feasting. Even if for the most part the Indian *gandharvas* are thought to be half bird and half humans, some also are thought to be half human and half horse [...] In fact none of the Gandharan images of centaurs

Dessa forma, a arte do centauro na Tapeçaria de Sampul, possivelmente ligada às representações de centauros no contexto do culto dionisíaco, pode ser vista como uma peça que evidencia essa construção da imagem dos centauros ao longo das regiões da Ásia Central e Meridional, que eventualmente resultou em sua incorporação e transformação dentro da arte budista de Gandhara, que se desenvolveu durante o primeiro século E.C..

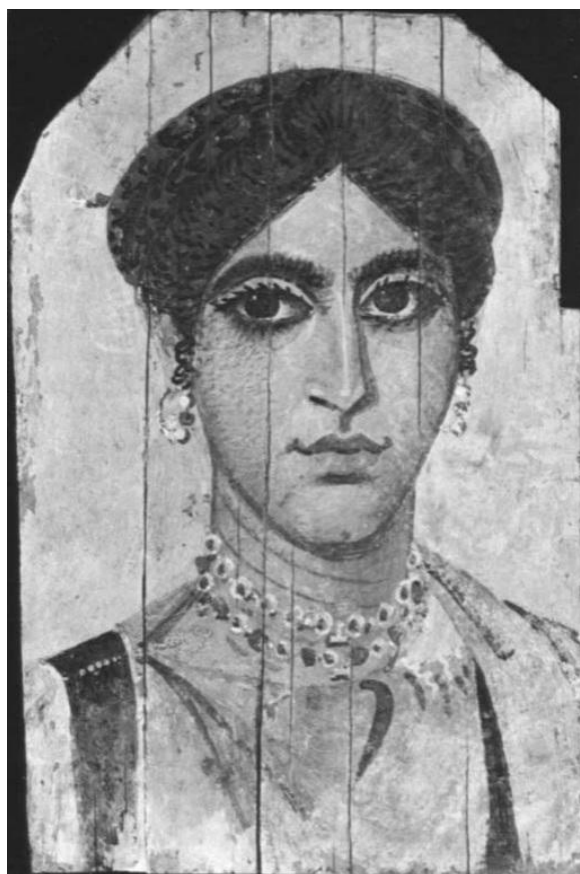
Jones argumenta a favor da identificação da Tapeçaria de Sampul como um exemplo de uma produção oriental, e conseqüentemente mais desconexa às produções helenísticas e romanas do mundo mediterrânico, pelo uso do trompete pela figura do centauro, o que em sua visão seria muito raro em representações vindas da região do Mediterrâneo, onde seria reforçada uma caracterização mais “bárbara” dos centauros. Como já observado, porém, as representações de centauros, mesmo nas produções ocidentais, se diversificam muito além da simples visão dos centauros agressivos e violentos, com eles também possivelmente estando vinculados a produções artísticas referentes ao culto dionisíaco, ou também em representações que refletem uma percepção mais pacífica e sábia vinda dessas figuras mitológicas, como é o caso de Quíron, centauro que “se tornou o mentor de heróis como Hércules, Aquiles, Esculápio e Jasão”³³ (JÄGER, 2017, p. 109). A argumentação formada por Jones, dessa forma, não necessariamente confere um grau de certeza muito definitivo sobre a origem geográfica da produção dessa tapeçaria. Jones, porém, salienta a similaridade entre a forma como o centauro na Tapeçaria de Sampul se posiciona com as representações de centauros feitas na região da Grécia durante o período helenístico (JONES, 2009, p. 25; JÄGER, 2017, p. 108-110).

Como já ressaltado durante a análise iconográfica, a representação do guerreiro, principalmente por suas vestimentas e estilo de cabelo, provavelmente procura retratar um guerreiro dos Grande Yuezhi, entre o período de dominação sobre o território da Bactria pelos Grande Yuezhi, até a formação do Império Kushan, que compreenderia o período de aproximadamente 130 A.E.C. até 50 E.C.. A representação do guerreiro também se assemelha à representações feitas em mosaicos romanos (fig.14) próximos temporalmente a esse período dos Grande Yuezhi, em questão do posicionamento e expressão tomadas pelas figuras. Outras produções que valem ser ressaltadas são os retratos nas chamadas de Múmias de Fayum (fig.15), que possuem um estilo que se assemelha tanto com os mosaicos romanos quanto com

which we have so far been able to locate are warlike and beastly, suggesting that under the Kushans and the influence of Buddhism, they had uniformly acquired a new role. The transition to this perception began under the Greeks, when centaurs came to be associated with the cult of Dionysus. From there it was but a small step to find them pacified by the Buddha in Gandhara, where they became pious followers of the Blessed One.

³³Original em inglês: “[...] who became the teacher of heroes such as Herakles, Achilles, Asklepios and Jason.”

o próprio guerreiro presente na tapeçaria, quando tratamos especificamente do uso do sombreamento na representação da figura, e novamente também do posicionamento em que todas são postas, com o guerreiro na Tapeçaria de Sampul sendo diferenciado das outras duas produções pelo seu olhar voltado para a posição direita, enquanto as outras duas olham diretamente para a frente, como se olhassem diretamente a quem observa suas figuras. A razão do guerreiro na Tapeçaria de Sampul deslocar seu olhar para o lado direito pode ser pela configuração da tapeçaria por inteiro, devido as figuras do centauro e do guerreiro formarem somente um recorte do que seria a produção completa da tapeçaria, que poderia possivelmente se estender e compor um nível mais diverso de figuras, o qual a figura do guerreiro poderia interagir de alguma forma, sendo esse recorte que conservou essas duas figuras o lado esquerdo da tapeçaria. Watt até mesmo propõe que a parte direita desta tapeçaria, da qual não existem resquícios descobertos, poderia formar a porção principal do que seria a Tapeçaria de Sampul (JONES, 2009, p. 27; WEITZMANN, 1979, p. 288; WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 194-195).



Figuras 14 e 15: Mosaico de uma mulher. Pompéia. Final do primeiro século A.E.C.. Fonte: LING, Roger. **Ancient Mosaics**. Princeton: Princeton University Press. 1998. p. 124.
 Retrato de uma mulher. Fayyum, Egito. Quarto século E.C.. Fonte: WEITZMANN, Kurt. **Age of Spirituality: Late Antique and Early Christian Art, Third to Seventh Century**. The Metropolitan Museum of Art. New York. 1979. p. 288

Jones argumenta que o uso de vestimentas pelo guerreiro salienta a sua identidade não-grega, que em sua visão eram majoritariamente representados nus. Como já foi elaborado nas discussões sobre as figuras no Homem de Yingpan, porém, o uso ou não da nudez na arte grega, especificamente tratando do nu masculino, vinha de uma questão complexa e nada fixa sobre o que a nudez poderia significar, não cabendo ser elaborada aqui novamente. Dessa forma, o uso de vestimentas pelo guerreiro não pode ser visto necessariamente como uma quebra dessas condutas seguidas dentro da arte grega, porque os próprios gregos não se apegavam a essa questão da forma como Jones salienta (JONES, 2009, p. 26).

A falta de um bigode no guerreiro, porém, sendo esse um elemento quase sempre presente nas figuras que representam os Grande Yuezhi nas análises de Yatsenko, pode ser visto como um elemento de diferenciação do guerreiro com as demais figuras dentro da arte produzida por ou para os Grande Yuezhi. Essa caracterização pode significar a juventude do guerreiro, como visto nas artes gregas e também já amplamente discutido, ou possivelmente para diferenciar o guerreiro de um dos membros dos Grande Yuezhi. Hansen e Sheng elaboram sobre uma possível identificação Parta da figura, devido a caracterização de uma adaga em sua cintura, que infelizmente não é discernível entre as imagens encontradas da Tapeçaria de Sampul para o presente trabalho, e que se alinharia ao estilo de adagas produzido dentro da região da Partia. No mesmo sentido, também existem abordagens diferenciadas sobre as origens das decorações florais vistas ao longo da túnica usada pelo guerreiro. Hansen, Yatsenko e Watt detêm uma visão parecida, das decorações serem derivadas de produções da Ásia Central, ou também similares com artefatos arqueológicos encontrados pela região de Xinjiang, o que de qualquer forma marcaria uma distinção clara das decorações helenísticas e romanas. Jones possui a visão de que a decoração tem uma origem persa, mas que foi se proliferando tanto para regiões mais orientais, como a Ásia Central, quanto ocidentais, como a região Mediterrânea, através de contatos formados entre essas regiões no período helenístico (HANSEN, 2012, p. 202 e PL.13; JONES, 2009, p. 26-27; SHENG, 2010, p. 38; WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 194-195; YATSENKO, 2012, p. 41-46).

Dessa forma, os aspectos mais variados dentro da Tapeçaria de Sampul ainda possuem perspectivas bem diferenciadas a respeito de onde e como elas foram produzidas. Alguns fatores, ainda assim, podem ser ressaltados sobre a tapeçaria. Mesmo considerando fatores como, que a questão sobre o uso de uma vestimenta pelo guerreiro não evidencie um método diferente de arte do que dos gregos, que exista uma sutil diferença entre o uso de pêlos faciais entre o guerreiro da tapeçaria com outros exemplos dos Grande Yuezhi na região, e que a

representação do centauro tocando trompete não fosse tão deslocada estilisticamente das representações mediterrânicas, ainda sim podemos dizer que provavelmente a Tapeçaria de Sampul se trata de uma produção local da região da Bácia ou arredores, nessa temporalidade que antecedeu o período imperial dos Kushan. Isso principalmente se dá pelas considerações formadas sobre o vestuário do guerreiro feitas por Yatsenko. A similaridade entre os vestuários e estilos de cabelo evidenciados como pertencentes aos Grande Yuezhi no período pré-imperial, mesmo com as pequenas diferenciações abordadas, como a questão dos pêlos faciais quando comparamos o guerreiro da tapeçaria com outras representações desse grupo, forma um argumento muito forte que descredibiliza a perspectiva dessa tapeçaria como uma produção helenística ou romana vinda do mediterrâneo até a região de Xinjiang, e ao mesmo tempo reforça o argumento de que se trata de uma produção originada na Ásia Central, e que provavelmente representa um guerreiro dos Grande Yuezhi.

As similaridades estilísticas dos mosaicos ou pinturas romanas expostas com o guerreiro na Tapeçaria de Sampul podem ser abordadas segundo as perspectivas conjuntas de Morris e Cribb. Assim sendo, podemos considerar um contato de grupos locais da Ásia Central com as produções artísticas romanas, sob o contexto de uma tradição helenística nessa região, que via nas produções romanas temporalmente concomitantes a sua realidade um estilo compatível ao seu legado helenístico local, que poderia dessa forma ser adaptado a sua realidade cultural, mesmo que esta já fosse extremamente diversa depois da fragmentação dos reinos gregos na Ásia Central e Meridional. Essa diversidade cultural também pode se vincular ao conceito formado por Mairs, de uma identidade grega na Ásia Central que afirmava a sua identidade étnica mesmo com um grau de flexibilização dessa identidade com as práticas locais existentes, devido a essa realidade multicultural na qual a identidade grega tentava se inserir. A afirmação da identidade grega pelas populações locais não era vista como uma contradição, mesmo considerando essa diferenciação crescente que se estabelecia com o passar dos séculos entre os requisitos de manutenção para a identidade grega dentro da região da Ásia Central, com os requisitos mantidos dentro do próprio mundo grego. A flexibilização que se tornou quase inerente à realidade cultural grega na Ásia Central pode ter possibilitado as práticas de produções artísticas nessa região, que uniam essas tradições diversas que podem ser observadas na Tapeçaria de Sampul, em especial entre elas as tradições helenísticas e romanas.

3.3 TÊXTIL DA FIGURA DIVINA



Figuras 16 e 17: Têxtil da figura divina, lado esquerdo. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang. 2002. p. 134.

Têxtil da figura divina, lado direito. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang. 2002. p. 135.



Figura 18: Têxtil da figura divina. Fonte: National Museum of Chinese History - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West** - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang. 2002. p. 133.

O têxtil da figura divina tem uma datação de 25 E.C. até 220 E.C.. Esse têxtil foi encontrado em uma escavação em 1959, na denominada Tumba 1, em Niya, Mingfeng. Ele pertence ao *Museu da Região Autônoma Uigur de Xinjiang* (NATIONAL MUSEUM OF CHINESE HISTORY, 2002, p. 133).

3.3.1 Descrição pré-iconográfica:

Figura antropomórfica feminina virada para a direita, de sobranceiras arqueadas, uma nariz largo, olhos direcionados à direita, cabelos ondulados que chegam ao nível dos lóbulos da orelha e um semblante de um sorriso. A figura veste diversas jóias ao longo de seu corpo, como no pescoço, orelhas, e possivelmente nos antebraços. Fora o uso dessas jóias, a figura se apresenta nua. A cabeça da figura é cercada por uma espécie de auréola ou guirlanda, e ela segura em seus braços uma cornucópia. A figura tem uma coloração branca com um fundo azul escuro ou preto, padrão de cores que se mantém por toda a obra. À sua direita superior, um fundo xadrez, alternando entre as duas cores, se insere dentro de uma forma retangular posicionada verticalmente. Abaixo, diversas figuras zoomórficas num fundo retangular horizontal. Uma figura terato-zoomórfica bovina virada para a direita, com as patas dianteiras possivelmente levantadas. A figura possui orelhas grandes, um focinho comprido, e a boca semi-aberta, que se conecta com outra figura. Uma possível figura zoomórfica indefinida, que aparentemente se inicia onde a boca da figura anterior termina e se direciona para a direita, com o seu longo corpo serpenteando nessa direção. A possível figura possui um padrão de linha diagonais brancas por sua extensão, que formam quadrados ou losangos azuis escuros ou negros em oposição. A possível figura também possui duas linhas que se distanciam levemente do padrão principal dela, seguindo a extensão serpenteada da possível figura perfeitamente, e que possuem linhas e formas diagonais pela extensão exterior da possível figura, semelhantes à folhas de grama e de árvores. Cerca de nove figuras zoomórficas aviárias bem semelhantes, todas viradas para a esquerda e se localizando em volta da possível figura zoomórfica, por toda a sua extensão. Acima, possivelmente o pé direito de uma figura antropomórfica, e uma pata e um rabo de uma figura zoomórfica felina.

3.3.2 Análise iconográfica:

A cornucópia em posse da figura, em conjunto com uma possível “coroa mural”, que definiria a espécie de guirlanda ou auréola presente em sua cabeça, são identificadores da deusa Tique, que começou a ganhar influência no mundo grego no período helenístico. O uso de jóias pela divindade pode remeter a um uso de tais para a identificação de realeza ou divindades dentro de artes presentes no oriente, como a arte indiana. A nudez da figura

também pode remeter a representações de divindades como Afrodite (HALL, 1995, p. 69-70, 134, 144 e 181).

O animal logo a sua esquerda tem uma descrição que se assemelha a uma das possíveis descrições do *Makara*, criatura mitológica indiana, que possui “a cabeça e pernas dianteiras de um antílope, e o corpo e cauda de um peixe” (WILKINS, 2019, p. 52), porém com somente parte de seu corpo sendo ilustrada na obra. O Makara possui uma ligação com corpos de água e plantas, representando o poder “frutificante” dos rios, e acima de tudo, servia como “o veículo (vahana) da deusa do rio, Ganga” (DARIAN, 1976, p. 29). Essa constatação ajuda a definir o objeto ou figura a qual o Makara se conecta com sua boca na obra, sendo essa possivelmente uma representação de um rio, atestado também pelas vegetações e pássaros que o circundam, e obviamente a ligação que Makara possui com rios e ambientes aquáticos em geral, bem como sua ligação com essa divindade dos rios (DARIAN, 1976, p. 29 e 32-33; WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 198).

3.3.3 Interpretação iconológica:

Segundo a perspectiva de Hansen, a deusa em questão na obra seria Tique, que é muito representada nas artes da região da Bactria, onde hoje se localiza o Afeganistão. Devemos ressaltar, porém, que a representação de deuses, especialmente gregos, na região da Ásia Central e Meridional, não necessariamente refletem de forma objetiva o deus que estaria sendo cultuado. O uso das imagens dos deuses gregos era muitas vezes usado para expressar deuses não-gregos locais, que seriam “compatíveis” com as representações culturais helenísticas. Dessa forma, considerando a datação estimada do Têxtil da Figura Divina, que seria do primeiro ao terceiro século E.C., ela estaria inserida no período do Império Kushan na Ásia Central e Meridional. Cribb ressalta em como no período dos Kushan, e do subsequente desenvolvimento das artes budistas em seus territórios a partir do primeiro século E.C., como em Mathura ou Gandhara, produções semelhantes à figura de Tique eram feitas para representar Ardochsho, a deusa da fortuna do panteão Kushan. Constatando que a figura de Ardochsho era ligada também as tradições visuais budistas, temos que considerar a possível representação do Makara à sua direita. Sendo a figura do Makara necessariamente vinculada às tradições indianas da mesma forma que o budismo, a presença de Ardochsho e do Makara dentro da mesma obra pode fornecer credibilidade a essas possíveis identificações dessas duas figuras diferentes, considerando como as possíveis identificações compartilham dessa influência indiana (MORRIS, 2021, p. 587; CRIBB, 2021, p. 675-676; HANSEN, 2012, p. 39).

Watt expõe essas mesmas perspectivas, porém em conjunto com Hansen, os dois abrem a possibilidade da figura cercada por pássaros e com um design semelhante a escamas possivelmente representar um dragão, sendo o dragão na visão de Hansen um dragão de origens chinesas. Infelizmente, pelo Têxtil da Figura Divina em análise representar somente um fragmento do que o têxtil seria originalmente, determinar com certeza o que ele simbolizaria é algo de extrema dificuldade. A abordagem da identificação do animal ligado ao possível rio como o Makara acaba não cobrindo o porquê o rio realmente teria uma caracterização losangular por sua extensão, que se assemelha a possíveis escamas de peixes ou répteis, e a caracterização do “rio” como um dragão chinês não cobriria o porquê uma criatura com características que se assemelham a certas representações do Makara estaria conectada ao dragão, bem como as vegetações e pássaros que o cercam, que também se encaixam no contexto mitológico do Makara, como foi explorado durante a análise iconográfica (WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 196-197; HANSEN, 2012, p. 39).

Dessa forma, considerando que uma das alternativas expostas acima seja a perspectiva com mais credibilidade, ou podendo considerar até mesmo que as duas alternativas sejam parcialmente corretas, de forma a pensar em uma junção entre essas duas visões dentro do Têxtil da Figura Divina, o que não seria impossível visto o imenso contexto de influências que figuras como o Homem de Yingpan detinham, de qualquer forma existem alguns pontos mais concretos que podemos estabelecer. O artefato como um todo está necessariamente ligada ao contexto cultural do Império Kushan, onde as influências helenísticas na arte produzida na região tomavam representações de divindades gregas, mesmo que essas produções artísticas estivessem procurando expressar o culto de outras divindades, como nesse caso das pertencentes ao panteão dos Kushan. A deusa Ardochsho se estabelece como um dos exemplos para essa prática, onde o uso de uma representação que se assemelhasse a deusa Tique estaria na verdade representando a sua figura. A deusa Ardochsho também acabou se vinculando ao contexto da arte budista, religião que teve um crescente grau de importância dentro do Império Kushan, que dessa forma acabou influenciando e sendo influenciada pelo contexto cultural do império. As outras representações podem possivelmente retratar a figura de Makara e o rio o qual ele é vinculado, o que seria provável considerando a proximidade e ligação das tradições indianas com a realidade de Kushan. A fragmentação da obra por inteiro, porém, acaba limitando perspectivas mais aprofundadas sobre a mesma.

3.4 TAÇA COM FIGURAS E VIDEIRAS



Figura 19: Taça com videiras. Fonte: WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al. **China: Dawn of a Golden Age, 200-750 AD**. Yale University Press. Catalog of an exhibition held at the Metropolitan Museum of Art, New York, Oct.12, 2004 – Jan.23, 2005. 2004. p. 149.

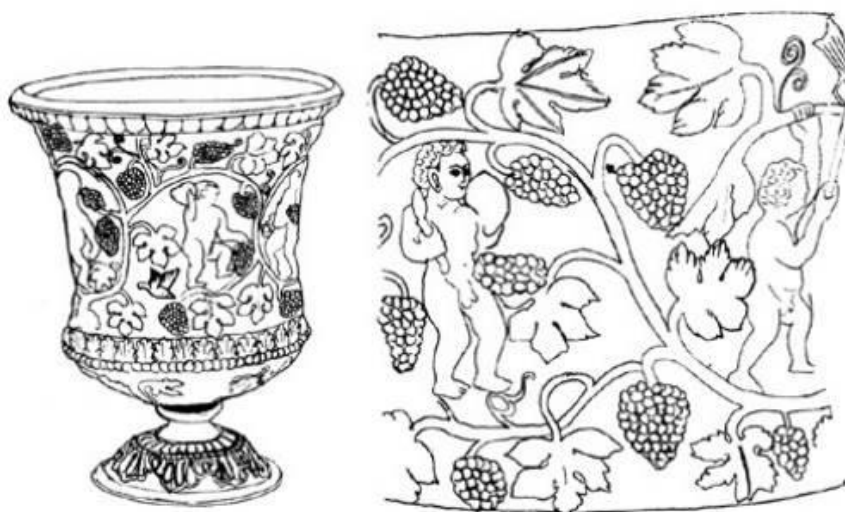


Figura 20: Desenho da taça com videiras. Fonte: ZUCHOWSKA, Marta. **Transferring Patterns Along the Silk Road. Vine and Grape Motifs on Chinese Silks in the First Millennium AD**. In BIEDRONSKA-STOTA, Beata; GORLICH, Aleksandra. *Textiles of the Silk Road. Design and Decorative Techniques: From Far East to Europe*. Polish Institute of World Art Studies and Tako Publishing House. Warsaw - Torun. 2016. p. 75

A taça de videiras é datada de por volta do quarto século E.C.. Essa taça foi descoberta no ano de 1970, em uma escavação em Datong, na província de Shanxi. Ela pertence ao Museu Provincial de Shanxi (WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 149).

3.4.1 Descrição pré-iconológica:

Figuras antropomórficas masculinas nuas, imberbes e de cabelo curto, viradas à direita, e interagindo de diferentes formas com as árvores que as cercam. As árvores possuem galhos ou cipós que se estendem por toda a extensão do objeto, com frutas e folhas ao longo desses galhos.

3.4.2 Análise iconográfica:

Trata-se de uma representação de grandes videiras, que identificam o culto ao deus Dionísio, ou também possivelmente relacionadas com a arte cristã. As figuras antropomórficas ao longo da obra podem ser identificadas como jovens, tanto por sua caracterização imberbe, como também por sua nudez (HALL, 1995, p. 147; HURWIT, 2007, p. 48 e 53). Assim sendo, eles podem ser caracterizados de duas possíveis formas, ou como *erotes*, deuses alados que podem ser evidenciados nas obras dionisíacas em alguns contextos, ou como simplesmente jovens humanos. Um fator que podemos ressaltar contra a perspectiva das figuras serem erotes é a falta de asas em suas caracterizações. Uma das figuras também está carregando algo em seus ombros, possivelmente um cordeiro, o que remeteria a um vínculo com a arte cristã (HALL, 1995, p. 136-137; AURENHAMMER, 2018, p. 165; WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 149).

3.4.3 Interpretação iconológica:

Seguindo as discussões feitas sobre a nudez nas representações vistas na túnica do Homem de Yingpan, podemos realçar que nesta taça percebe-se uma dimensão mais clara sobre esse tópico do que na dos guerreiros representados ao longo da túnica. É possível observar uma caracterização mais claramente infantilizada das figuras aqui representadas, que nesse sentido dialogam com uma representação de nudez como característica de juventude, sendo essa uma das formas que a nudez pode ser usada para a construção de uma figura na arte grega. As figuras aqui representadas, portanto, podem ser jovens ou Eroles, cujos papéis e vínculos com o culto dionisíaco ou outros contextos decorativos já foram explorados anteriormente.

Watt aponta a ação de um desses jovens ou Eroles de carregar um cordeiro em seus ombros como um símbolo vinculado ao cristianismo. Tendo esse fator em consideração, o uso das videiras, da mesma forma, pode estar entrelaçado aos usos desse símbolo pela arte cristã. Um uso similar de videiras, como também da representação de um carneiro dentro da arte cristã, pode ser vista no chamado de Cálice de Antioquia (fig.21). Watt também ressalta que a produção dessa taça provavelmente se deu na região da Bácia, seguindo moldes vindos do Império Romano, devido a similaridade da Taça com Figuras e Videiras com outras

produzidas na Bactria no mesmo período. Essa constatação, junto com as de outros artefatos analisados anteriormente, se alinha muito bem com as abordagens de Cribb sobre a adoção do estilo artístico romano pelas populações de regiões com influências helenísticas dentro da região da Ásia Central. Mesmo que a consideração feita por Cribb seja mais focada no desenvolvimento do estilo de arte budista em Gandhara a partir do primeiro século E.C., e a Taça com Figuras e Videiras em específico seja de um período muito mais tardio, por volta do quarto século E.C., as considerações feitas por ele, relacionadas com as constatações feitas por Watt, formam um argumento sobre essas influências culturais que merece ser abordado (WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; et al, 2004, p. 149; WEITZMANN, 1979, p. 606-607).



Figura 21: Cálice de Antioquia. Sexto século E.C.. Fonte: The Metropolitan Museum of Art. (Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/468346>>. Acessado em: 20/04/2022)

3.5 TAPEÇARIA DE HERMES COM CADUCEU



Figura 22: Hermes com caduceu. Fonte: National and Art Museum in New Delhi, India. (Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Male_face_with_a_caduceus_-_Google_Art_Project.jpg>. Acessado em: 20/04/2022)

A tapeçaria de Hermes é datada de por volta do terceiro século E.C.. A tapeçaria foi descoberta por Aurel Stein durante suas expedições ao longo da província de Xinjiang, nas primeiras décadas do século XX, em Lou-lan, em Xinjiang. Ela pertence ao Museu Nacional em New Delhi, na Índia (ROWLAND, 1974, p. 44).

3.5.1 Descrição pré-iconográfica:

Figura antropomórfica masculina, virada para a esquerda, com olhos grandes e castanhos, e cabelos curtos e castanhos. A figura é imberbe e tem a pele clara, usa uma túnica branca, e possui ao seu lado algo semelhante a um caduceu dourado. O fundo é azul escuro.

3.5.2 Análise iconográfica:

Considerando a limitação do material analisado, que forma apenas um fragmento do artefato original, pode-se perceber o objeto ao lado da figura como um caduceu, um bastão vinculado ao deus Hermes, por sua “forma de vara terminando em um círculo e uma crescente” (HALL, 1995, p. 60). Dessa mesma forma, representações de Hermes o representam, pelo menos ocasionalmente, como imberbe. Assim sendo, a figura representada nessa tapeçaria pode ser possivelmente Hermes, o mensageiro dos deuses olímpicos (HALL, 1995, p. 60; MARCH, 2014, 243-245).

3.5.3 Interpretação iconológica:

Um dos fatores que acaba limitando um aprofundamento na interpretação dos artefatos, especificamente nas produções têxteis, como já foi ressaltado nesse e em mais alguns dos artefatos anteriormente analisados, é em como os resquícios que nos são disponíveis podem não nos trazer muito com o que trabalhar, quando nos delimitamos a interpretação de suas imagens, que podem estar muito fragmentadas. Esse tecido em específico é o maior exemplo desse argumento no presente trabalho, e tendo isso em consideração, a sua interpretação também acaba sofrendo dessa limitação.

Aurel Stein, o explorador que encontrou esse fragmento em uma de suas expedições à região de Xinjiang nas primeiras décadas do século XX, propôs uma produção local desse têxtil, devido a sua similaridade com outras produções encontradas no mesmo local, como uma pintura budista que representa uma figura antropomórfica alada (fig.23). Uma produção local realmente é uma possibilidade, ainda mais se também considerarmos o argumento já explorado sobre o uso de representações de divindades gregas para o culto de divindades locais nas regiões de influências helenísticas na Ásia Central. Tal ponto daria um grau de veracidade mais alto para uma produção local do que a de um culto à Hermes dentro da região de Xinjiang durante o período de produção estipulado ao artefato. Morris, porém, salienta que apesar das representações de deuses gregos para o culto de outras divindades fosse muito utilizada para o culto de outros deuses, como membros do panteão dos Kushan, dentro do Império Kushan ainda existia uma consciência sobre essas divindades gregas “originais”, o que significa que existe uma chance do artefato ser uma produção local em Xinjiang ou em um território próximo, como ao longo do Império Kushan, e mesmo assim realmente representar um culto ao deus Hermes (STEIN, 1928, p. 241; JONES, 2009, p. 27 e 30; MORRIS, 2021, p. 587).



Figura 23: Figuras aladas. Fonte: STEIN, Aurel. *Ruins of Desert Cathay: Personal Narrative of Explorations in Central Asia and Westernmost China*. Vol.1. London: Macmillan. 1912. p. 461.

Se desconsiderarmos as possibilidades já analisadas, podemos pensar no artefato como uma tapeçaria importada do Império Romano, que se deslocou através das Rotas da Seda até a região onde ela foi encontrada em Xinjiang, que também forma um argumento interessante a ser abordado na medida que o objeto por si só não possui características que o liguem ao contexto cultural da região da Ásia Central ou de Xinjiang da mesma forma que o Homem de Yingpan ou que a Tapeçaria de Sampul possuíam, e que o deslocem de qualquer forma de uma produção vinda dos territórios do Império Romano.

Assim sendo, as perspectivas tomadas a respeito desse artefato mantêm considerações muito abrangentes, devido ao fragmento remanescente do que seria o artefato completo não conseguir nos fornecer dados que nos ajudariam a adentrar mais no que as suas imagens procuravam transmitir e por quem elas foram produzidas. A única consideração de nosso interesse que podemos tomar tranquilamente é a de que a divindade representada com certeza foi baseada em moldes helenísticos ou romanos para o deus Hermes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ásia Central foi, além de uma área que agia como um ponto de conexão entre algumas das civilizações da Antiguidade, uma região com povos que desempenharam um papel essencial no desenvolvimento de redes de contato que se estenderam a proporções transcontinentais, que são referidas como as Rotas da Seda. Além dos contatos formados pelas Rotas da Seda, influências culturais na Ásia Central também se desenvolviam pela conquista de suas regiões por civilizações estrangeiras, dentre elas os gregos. A formação de estados gregos na Ásia Central introduziu às produções artísticas da região uma tradição helenística, que através dos séculos foi se transformando, sendo influenciada pelo contexto cultural plural na qual ela estava inserida.

As produções artísticas na Ásia Central, dessa forma, foram gradativamente ressignificando muitas das representações de origem helenística, para se adequar a realidade complexa da região. Como já realçado pela argumentação feita por Mairs, a identidade grega como um todo estava incluída nesse processo de flexibilização cultural, que não via contrariedades entre essas adaptações tomadas por seus membros com o seu pertencimento ao seu grupo étnico. Esses processos possivelmente formam a base para as produções estilísticas na maior parte dos artefatos analisados no presente trabalho, que se apresentam com uma diversidade de influências culturais considerável. O uso ressignificado de representações de divindades, como foi apresentado no Têxtil da Figura Divina (3.3), exemplifica o uso das tradições artísticas gregas para o culto de divindades locais, que por supostas similaridades foram compatibilizados pelo mesmo uso das figuras.

Essas influências helenísticas na região da Ásia Central não marcaram só os reinos que se estabeleceram nos territórios dos antigos reinos gregos, como o Império Kushan, em suas produções de artefatos locais, como também possibilitaram trocas culturais que foram observadas em artefatos com influências romanas, que por sua similaridade com produções helenísticas, foram adotadas por membros do Império Kushan, ou até mesmo pelos Grande Yuezhi um século antes da fundação de seu império, como pode ser ressaltado principalmente pelos artefatos da Tapeçaria de Sampul (3.2) e a Taça com Figuras e Videiras (3.4).

O Império Kushan, que se estabeleceu na Ásia Central, e era centralizado num primeiro momento onde o reino helenístico Greco-Báctrio se localizava, representou um momento de desenvolvimento das Rotas da Seda que marcaram o auge dessas rotas durante a Antiguidade. O período do Império Kushan marcou um segundo impulso de produções de influência helenística na Ásia Central e Meridional depois da desintegração dos reinos helenísticos nessas regiões, com o exemplo mais conhecido dessas produções sendo o

chamado estilo de arte “Greco-budista” de Gandhara. O Homem de Yingpan (3.1) e a Tapeçaria de Sampul (3.2), porém, nos ajudam a considerar como esses artefatos de influência helenística de provável conexão com o Império Kushan aplicavam representações de influências helenísticas e, possivelmente, romanas em sua realidade, mesmo deslocadas geograficamente do Império Kushan, em Xinjiang.

Percebe-se que as perspectivas tomadas por autores como Cribb e Morris, se referindo a essas influências romanas ao meio artístico do Império Kushan, alinharam-se, na maior parte, com os artefatos analisados, e forneceram assim possíveis razões pelas quais os estilos artísticos romanos se adentraram na Ásia Central num recorte posterior a existência de reinos gregos nesse território. O contexto da tradição helenística no Império Kushan, muito mais do que fornecer uma razão para essas estilizações com semelhança aos artefatos romanos nos artefatos da Ásia Central ou Xinjiang, também nos permitem tomar a perspectiva de que esses processos de introdução de novos estilos nas produções de arte no Império Kushan e arredores pode ter sido protagonizado pelas populações locais, que só precisariam de uma motivação para se adaptar a esses novos estilos.

CRONOLOGIA

- ca.* 550 - 330 A.E.C.: Império Aquemênida
 330 - 323 A.E.C.: Império Macedônico de Alexandre, o Grande
ca. 310' - séc. I A.E.C.: Império Selêucida
ca. 250' A.E.C. - séc. III E.C.: Império Parta
ca. 250' - *ca.* 140' A.E.C.: Reino Greco-Báctrio
ca. 221 - *ca.* 206 A.E.C.: Dinastia Qin do Império Chinês
 210' A.E.C - séc. III E.C.: Dinastia Han do Império Chinês
ca. 130' A.E.C.: Conquista da Bactria pelos Grandes Yuezhi
ca. 138 - 119 A.E.C.: Expedição de Zhang Qian à Ásia Central
 séc. II - *ca.* séc. I A.E.C.: Reinos Indo-Gregos
 séc. III - *ca.* séc. I E.C.: Império Xiongnu
ca. 110' A.E.C.: “Abertura” da Rotas da Seda
ca. 50 E.C. - séc. IV E.C.: Império Kushan
ca. 27 A.E.C. - séc. IV E.C.: Império Romano

CRONOLOGIA DOS ARTEFATOS

- 206 A.E.C. - 220 E.C.: Tapeçaria de Sampul
 206 A.E.C. - 420 E.C.: Homem de Yingpan
 25 E.C. - 220 E.C.: Têxtil da Figura Divina
ca. III E.C.: Tapeçaria de Hermes com Caduceu
ca. IV E.C.: Taça com Figuras e Videiras

REFERÊNCIAS

- ANDREA, Alfred. **The Silk Road in World History: A Review Essay**. The Asian Review of World Histories. 2014.
- AURENHAMMER, Maria. **Sculpture in Roman Asia Minor**. Proceedings of the International Conference at Selçuk, 1st - 3rd October 2013, SoSchrÖAI 56. p. 161–173. 2018.
- BARBER, Elizabeth Wayland. **More Light on the Xinjiang Textiles**. In MAIR, Victor H.; HICKMAN, Jane. Reconfiguring the Silk Road: New Research on East-West Exchange in Antiquity. The Papers of a Symposium Held at the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, March 19, 2011. University of Pennsylvania Museum by the University of Pennsylvania Press. 2014. p. 33-39.
- BARISITZ, Stephan. **Central Asia and the Silk Road: Economic Rise and Decline over Several Millennia**. Springer International Publishing AG, Cham, Switzerland. 2017.
- BECKWITH, Christopher I. **Empires of The Silk Road: A History of Central Eurasia from the Bronze Age to the Present**. Princeton University Press. 2009.
- BEHRENDT, Kurt. **The Art of Gandhara in The Metropolitan Museum of Art. The Metropolitan Museum of Art**. New York. 2007.
- BENTLEY, Jerry H. **Old World Encounters: Cross-Cultural Contacts and Exchanges in Pre-Modern Times**. Oxford University Press Inc., New York. 1993.
- BOARDMAN, John. **The Greeks in Asia**. Thames & Hudson Ltd, London. 2015.
- BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **"Bucranium"**. Encyclopedia Britannica, 25 May. 2018. (Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/bucranium>> . Acesso em: 25 de abril de 2022).
- CRIBB, Joe; HERRMANN, Georgina. **After Alexander: Central Asia Before Islam**. Oxford University Press Inc., New York. 2007.
- CRIBB, Joe. **Greekness after the end of the Bactrian and Indo-Greek Kingdoms**. In MAIRS, Rachel. The Graeco-Bactrian and Indo-Greek World. Routledge, New York. 2021, p. 653-681.
- CRIBB, Joe. **Kujula Kadphises and His Title Kushan Yavuga**. Sino-Platonic Papers, 280, Philadelphia. 2018.
- DARIAN, Steven. **The Other Face of the Makara**. Artibus Asiae, v. 38, n. 1, p. 29-36. 1976.
- DECAROLI, Robert. **Image Problems: The Origin and Development of the Buddha's Image in Early South Asia**. University of Washington Press, Seattle and London. 2015.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 41-93.

- GOODY, Jack. **The East in The West. Early links between East and West – Appendix.** 1st ed. Cambridge University Press. 1996. p. 250-262
- HALL, James. **Illustrated Dictionary Of Symbols In Eastern And Western Art.** 1st ed. Westview Press, A Member of the Perseus Books Group. Colorado. 1995.
- HANSEN, Valerie. **The Silk Road: A New History.** Oxford University Press. 2012.
- HURWIT, Jeffrey M. **The Problem with Dexileos: Heroic and Other Nudities in Greek Art.** *American Journal of Archaeology*, Vol. 111, No. 1, p. 35-60. 2007.
- JÄGER, Ulf. **Tamed by Religion: Centaurs in Gandhara A unique sculpted necklace of a Gandharan schist Bodhisattva Maitreya in the Asian Art Museum, San Francisco.** *The Silk Road* 15. The Silkroad Foundation. 2017. p. 107–115.
- JONES, Robert A. **Centaurs on the Silk Road: Recent Discoveries of Hellenistic Textiles in Western China.** *The Silk Road* 6/2. The Silk Road Foundation. 2009. p. 23-32.
- LEE, Mireille M. **Body, Dress, And Identity In Ancient Greece.** Cambridge University Press. New York. 2015.
- LING, Roger. **Ancient Mosaics.** Princeton: Princeton University Press. 1998.
- LIU, Xinru. **The Silk Road in World History.** Oxford University Press, Inc., New York. 2010.
- LORENZ, Katharina. **Ancient Mythological Images and Their Interpretation: An Introduction to Iconology, Semiotics, and Image Studies in Classical Art History.** Cambridge University Press. United Kingdom. 2016.
- MAIR, Victor H. **Ancient Mummies of the Tarim Basin.** *Expedition Magazine* 58.2. *Expedition Magazine.* Penn Museum. 2016. p. 24-29. (Disponível em: <<http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=23790>>. Acesso em: 20 de Abril de 2022).
- MAIR, Victor H.; HICKMAN, Jane. **Reconfiguring the Silk Road: New Research on East-West Exchange in Antiquity.** *The Papers of a Symposium Held at the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, March 19, 2011.* University of Pennsylvania Museum by the University of Pennsylvania Press. 2014.
- MAIRS, Rachel. **Greek Identity and the Settler Community in Hellenistic Bactria and Arachosia.** *In Migrations and Identities*, 1. 2008, p. 19-43.
- MAIRS, Rachel. **The Graeco-Bactrian and Indo-Greek World.** Routledge, New York. 2021.
- MARCH, Jennifer R. **Dictionary of Classical Mythology.** 2nd ed. Oxbow Books, Oxford. 2014.

- MORRIS, Lauren. **Roman Objects in the Begram Hoard and the Memory of Greek Rule in Kushan Central Asia**. In MAIRS, Rachel. *The Graeco-Bactrian and Indo-Greek world*. Routledge, New York. 2021, p. 580-594.
- NATIONAL MUSEUM OF CHINESE HISTORY - Ancient Relics Administration Bureau of Xinjiang Uygur Autonomous Region - **Mountain Tianshan. Ancient Roads: The Meeting of East and West - The Extraordinary Cultural Relics from the Silk Road in Xinjiang**. 2002.
- PALAGIA, Olga. **Hephaestion's Pyre and the Royal Hunt of Alexander**. In BOSWORTH, A. B.; BAYNHAM, E. J. *Alexander the Great in Fact or Fiction*. Oxford University Press. Oxford & New York. 2000. p. 167-206.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.
- ROWLAND, Benjamin. **The Art of Central Asia**. *Art of the World*. Crown Publishers, Inc. New York. 1974.
- SHENG, Angela. **Textiles from the Silk Road**. *Expedition Magazine* 52.3. *Expedition Magazine*. Penn Museum, 2010. p. 33-43. (Disponível em: <<http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=12972>>. Acesso em: 10 de Abril de 2022).
- STARK, Sören. **Central Asia and the Steppe**. In MAIRS, Rachel. *The Graeco-Bactrian and Indo-Greek world*. Routledge, New York. 2021, p. 78-105.
- STEIN, Aurel. **Innermost Asia: Detailed Report of Explorations in Central Asia, Kan-su and Eastern Iran, Carried out and Described under the Orders of H.M. Indian Government. Vol.1&3**. Clarendon Press. Oxford. 1928.
- STEIN, Aurel. **Ruins of Desert Cathay: Personal Narrative of Explorations in Central Asia and Westernmost China**. Vol.1. Macmillan. London. 1912.
- STROOTMAN, Rolf. **The Seleukid Empire**. In MAIRS, Rachel. *The Graeco-Bactrian and Indo-Greek World*. Routledge, New York. 2021, p. 11-37.
- WANG, Tingting; FULLER, Benjamin T.; JIANG, Hongen; *et al.* **Revealing lost secrets about Yingpan Man and the Silk Road**. *Sci Rep* 12, 669. 2022. <https://doi.org/10.1038/s41598-021-04383-5>.
- WATT, James C.Y.; JIAYAO, An; HOWARD, Angela F.; *et al.* **China: Dawn of a Golden Age, 200-750 AD**. Yale University Press. Catalog of an exhibition held at the Metropolitan Museum of Art, New York, Oct.12, 2004 – Jan.23, 2005. 2004.
- WEITZMANN, Kurt. **Age of Spirituality: Late Antique and Early Christian Art, Third to Seventh Century**. The Metropolitan Museum of Art. New York. 1979.
- WILKINS, W. J. **Hindu mythology, Vedic and Purānic**. 2nd ed. London: Global Grey, 2019.

YANG, Jianhua; SHAO, Huiqiu; PAN, Ling. **The Metal Road of The Eastern Eurasian Steppe: The Formation of The Xiongnu Confederation and The Silk Road.** Springer Nature Singapore Pte Ltd. Singapore. 2020.

YATSENKO, Sergey. **Yuezhi on Bactrian Embroidery from Textiles Found at Noyon Uul, Mongolia.** The Silk Road 10. The Silk Road House. 2012. p. 39-48

YU, Taishan. **Studies on the History of the Western Regions (From the Seventh Century BCE to the Sixth Century CE): A Study of The Kushan History.** The Commercial Press, Beijing. 2021.

YU, Taishan. **The Origin of the Kushans.** Sino-Platonic Papers, 212. Philadelphia. 2011.

ZUCHOWSKA, Marta. **Transferring Patterns Along the Silk Road. Vine and Grape Motifs on Chinese Silks in the First Millennium AD.** In BIEDRONSKA-STOTA, Beata; GORLICH, Aleksandra. *Textiles of the Silk Road. Design and Decorative Techniques: From Far East to Europe.* Polish Institute of World Art Studies and Tako Publishing House. Warsaw - Torun. 2016.

ZHANG, He. **Knotted Carpets from the Taklamakan: A Medium of Ideological and Aesthetic Exchange on the Silk Road, 700 BCE-700 CE.** The Silk Road 17. The Silk Road House. 2019. p. 36–64.